



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Clara Xavier Marques

**ATIVIDADE TURÍSTICA E SEUS EFEITOS NAS ESFERAS
CULTURAL, AMBIENTAL E ECONÔMICA:
Estudo do caso de Conceição de Ibitipoca/MG**

Monografia apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial
para conclusão da disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof^a. Dr.^a Ana A. Barbosa Pereira

Juiz de Fora
Janeiro/ 2017

Aos meus pais,
por todo o amor e apoio nesta jornada.

Agradecimentos

A todos que contribuíram para que este trabalho fosse realizado, assim como àqueles que ajudaram em outras etapas na minha formação como arquiteta e urbanista, obrigada.

Aos meus pais, por todo o carinho e apoio em não só esta jornada, mas todas as outras da minha vida. Vocês são exemplos de ética e me ensinaram como sempre tentar ser uma pessoa melhor.

Ao meu irmão, João Gabriel, que sempre teve paciência comigo e me ajudou em todos os momentos difíceis da minha vida.

A todos da família, que rezaram e vibraram por cada conquista. Em especial, meus avós, meu refúgio, que sempre acreditaram no meu potencial.

Ao Rodrigo, pelo companheirismo. Obrigada por todo suporte, incentivo e amor incondicionais.

Aos meus amigos, foram vocês que me aliviaram em momentos de estresse e me encorajaram a seguir adiante.

A todos os professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Fábio e Raquel, que me abrigaram no núcleo de pesquisa UrbanismoMG, agradeço por esta experiência e todos que a compartilharam comigo.

À minha orientadora, Ana, você é um exemplo de como professores devem ser. Uma grande fomentadora. Obrigada pela sua orientação nesta etapa e em todas outras desde o nosso primeiro contato. Sou muito grata pelo aprendizado.

À vista dos belos campos que se apresentaram
hoje a meus olhos, não pude deixar de sentir
verdadeiro aperto de coração pensando que
logo os deixarei para sempre.

SAINT-HILAIRE

Resumo

Atualmente, o cenário urbano se expressa a partir das transformações constantes do espaço e do cotidiano, assim como da memória das cidades, herança dos diferentes grupos formadores da identidade de tal sociedade. Diante do fenômeno do turismo em massa, facilitado pela globalização, assistimos ao câmbio de valores de diferentes culturas, em que antigos costumes perdem espaço para novas convicções. Esta transição gera efeitos em diferentes setores de uma localidade. Tendo em vista estas constatações, este trabalho tem por objetivo estudar tais resultados no distrito de Conceição de Ibitipoca/MG, cujo local vem apresentando impactos negativos referentes ao espaço urbano e perda de patrimônio oriundos da atividade turística, que se desenvolveu rapidamente nas últimas décadas. A escolha do local se justifica não somente por esta característica, mas também pela relação que a autora possui com o lugar. O objetivo, portanto, é estudar os efeitos culturais, econômicos e ambientais gerados pelo turismo no lugar. Além da utilização fontes secundárias para elaboração desta monografia, o uso de dados obtidos através de entrevistas realizadas possibilita maior aproximação com a população local. Assim, considerando o objetivo e metodologia, o estudo possibilitará a confirmação se o turismo, se tratado de modo sustentável e consciente, pode ser uma ferramenta para a manutenção do patrimônio, conseqüente, para a identidade coletiva do distrito.

Palavras-chave

Patrimônio. Memória. Turismo.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 01 |
| 1. Turismo, patrimônio e memória..... | 04 |
| 2. Conceição de Ibitipoca..... | 15 |
| 2.1. Histórico..... | 15 |
| 2.2. O Arraial | 21 |
| 2.3. O Parque | 31 |
| 2.3.1. Aspectos administrativos e infraestrutura | 34 |
| 2.3.2. Relevo e geologia | 39 |
| 2.3.3. Fauna e flora | 41 |
| 3. Turismo e mudanças em Conceição de Ibitipoca/MG..... | 44 |
| Conclusão | 65 |
| Bibliografia..... | 67 |
| Anexos e Apêndices..... | 70 |

Introdução

Diante do cenário urbano complexo e as transformações constantes do espaço e do cotidiano das cidades, o patrimônio cultural se expressa como a herança de diferentes grupos formadores da sociedade. As edificações ao serem capazes de evocar lembranças e gerar sentimento de pertencimento, possibilitam recriar o passado ao preservar as narrações contidas naquele espaço físico. Adquirimos identidade ao transitar entre as reminiscências oriundas de declarações construídas e vivas, isto é, as manifestações culturais. No contexto urbano atual, uma cultura se inter-relaciona com a outra, de modo que novas convicções e costumes são absorvidos, podendo ser agregados a uma identidade coletiva ou substituir antigos valores. O aumento da atividade turística facilitada pela globalização pode agir acelerando este processo. Esta movimentação gera impactos arquitetônicos, sociais, culturais, econômicos e ambientais em uma localidade e pode, por meio de todos estes fatores, acarretar na perda de valores culturais de uma comunidade.

O convívio em Conceição de Ibitipoca, envolvendo pessoas de origens geográficas distintas confere ao lugar a característica de concentrar em um pequeno sítio diferentes raízes culturais. Quando novas pessoas, com hábitos divergentes da população local, são introduzidas, seus costumes são absorvidos. E a introdução de novas atividades, assim como mudanças de usos, gera alterações na vida cotidiana dos moradores. O estilo de vida moderna e o fenômeno de globalização interferem diretamente no estilo de vida destas pessoas. Assiste-se, assim, à emergência do espaço-mercadoria (BEDIM, 2008). Tendo estas constatações como balizas, esta monografia pretende discutir os impactos da atividade turística em um local que passou por longo semi-isolamento. No caso relatado, desde a abertura do Parque Estadual do Ibitipoca em 1973 até os dias atuais, a localidade presenciou, em especial nas últimas décadas, a chegada desenfreada de turistas, comerciantes, investidores e serviços. Também será demonstrado que a atividade turística, que deveria ser tratada como uma importante ferramenta para a preservação de patrimônio local, uma vez que permite investimentos para a salvaguarda deste, tem se tornado a vilã para a manutenção da identidade local dado a ausência de planejamento adequado. Para a realização desta monografia, foram utilizadas dados

obtidos em fontes secundárias, assim como fontes orais, sendo que dentre estas, procurou-se realizar entrevistas e depoimentos gravadas com indivíduos de destaque no distrito de Conceição de Ibitipoca.

Para imersão no objeto, é fundamental que seja realizado o estudo e aprofundamento dos conceitos essenciais ao tema proposto. Para tanto, no primeiro capítulo desta monografia, serão abordados, portanto, aqueles que se inserem na temática de conservação do patrimônio de uma localidade frente ao avanço do turismo ao longo do espaço de tempo desde a abertura do Parque Estadual do Ibitipoca até os dias de hoje. O embasamento conceitual direcionado ao foco da pesquisa tem como intuito propiciar um melhor entendimento do lugar, caracterizado e analisado no segundo capítulo.

A argumentação e debate no primeiro capítulo terão como ponto de partida a reflexão do conceito de turismo, dando ênfase ao caráter e ação que este desempenha na sociedade, relacionando-o a aspectos socioculturais e econômicos. Em qualquer lugar que o turismo é inserido, é de se esperar que ocorram mudanças na estrutura local. A argumentação se estenderá a uma reflexão sobre patrimônios cultural e ambiental. Como detentores da memória coletiva de um povo, também estão diretamente ligados à de nossa identidade. Para a manutenção de um lugar é necessário perceber a essência de seu patrimônio, preservando características que apresentem significância, ou seja, valor cultural. Rossi (2001) afirma que a compreensão da cidade como história coloca a memória como o elo condutor da estrutura urbana e da consciência da cidade, como é o caso do distrito de Conceição de Ibitipoca.

No segundo capítulo desta monografia, procurou-se caracterizar o distrito sob os aspectos físicos, históricos, econômicos e sociais atrelados aos efeitos, positivos ou negativos, que o desenvolvimento do turismo traz para a localidade. Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, procurou-se dividir a análise do capítulo de acordo com os elementos formadores de Conceição de Ibitipoca e seu contexto atual. As singularidades do arraial e do Parque Estadual aparecem neste capítulo associadas às dinâmicas locais. Apesar da divisão destas em subcapítulos, é importante ressaltar que são inter-relacionados.

Ao traçar o panorama geral do distrito, considerando os dois grandes núcleos espaciais, o Arraial e o Parque, propõe-se, no capítulo subsequente, uma análise da atividade turística nos dias de hoje e como sua evolução se deu desde a

implantação do Parque Estadual do Ibitipoca, assim como o reflexo do turismo na vida da população e seus desfechos culturais e sociais.

1. Turismo, patrimônio e memória

É importante salientar que o turismo, como atividade e como conceito, pode ser abordado em disciplinas distintas e, portanto, em perspectivas diferentes. Diante desta pluralidade, temos como resultado a falta de consenso por parte de especialistas, como afirma a Organização Mundial de Turismo (1999) e John Urry (2001) em relação à definição de turismo. Esta não conceituação explícita tem consequências para a estruturação do tema como ciência e dificulta realização de estudos e ações efetivas nesta cadeia econômica característica da vida humana nos dias atuais. Nos deparamos com diferentes conceituações que surgem relacionadas a objetivos específicos da parte dos próprios estudiosos. Diante de tal cenário, a Organização Mundial de Turismo (OMT), ao longo do século XX, propõe algumas formulações para o tema que vão se alterando ao decorrer dos anos, se adequando e incorporando novos pensamentos que possibilitam maior facilidade de compreensão e que englobam melhor os diferentes segmentos presentes na atividade turística. Vale ressaltar que a preocupação da OMT não é de apresentar definições conceituais, mas normativas aplicáveis para a obtenção de dados para futuras elaborações de registros estatísticos incidentes do fenômeno em diferentes partes do mundo. Assim,

O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios ou outros motivos não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado. (OMT, 1999 apud PAKMAN, 2014).

Apesar da conceituação por parte da Organização, existe uma resistência acadêmica para definir esta atividade por conta dos diferentes segmentos turísticos. Seguindo apenas esta definição, percebemos que o turismo implica uma dinâmica de inter-relações entre a esfera econômica, social e cultural (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 84). O turismo é uma característica própria do homem “moderno” e é consequência do seu modo de vida, em especial às transformações das jornadas e modos de trabalho remunerado, marcados pela existência de

relações que ocorrem em determinados prazos de tempo e que permitem a experiência, de tempos em tempos, de períodos de lazer.

John Urry, em seu livro *O Olhar do Turista* (2001), apresenta diferentes definições sobre o tema. Em uma delas, o autor descreve o turismo como “algo que passou a ser realizado em determinados lugares e a decorrer em períodos regularizados” (URRY, 2001, p. 17). Isto significa que o fenômeno turístico envolve necessariamente deslocamentos no espaço acompanhados por um período de permanência em um local novo que difere do lugar normal de residência e de trabalho do indivíduo. Urry (2001) afirma que estes deslocamentos são caracterizados pela natureza breve: “Existe uma clara intenção de voltar para casa, dentro de um período relativamente curto” (URRY, 2001, p. 17).

Urry (2001) em uma de suas conceituações, estabelece que o fenômeno tem natureza fundamental de se caracterizar como uma atividade de lazer. Assim, temos como início destas jornadas turísticas, as viagens realizadas pelos nobres e burgueses europeus do final do século XVII e início do XVIII, quando a busca pelo excepcional, ou seja, aquilo que se divergia do cotidiano destes indivíduos ou aquilo que chamava atenção pelo caráter estético e, no caso, até mesmo bucólico, fazia com que este grupo percorresse seu próprio país e outros vizinhos. O turismo era uma atividade exclusiva das camadas sociais mais elevadas, caracterizadas pelo ócio, ausência de obrigações, marcas do estilo de vida deste grupo. Não era pra tanto que até esta época, os poucos viajantes eram respeitados pelo conhecimento e cultura adquiridos em suas viagens. Porém, a atividade turística mais próxima do que conhecemos hoje foi iniciada por Thomas Cook, também no século XVIII, quando organizou as primeiras viagens em grupo na Inglaterra, iniciando o que hoje conhecemos como turismo de massa (MONTEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p.244). Apenas com os adventos da globalização, mudanças nas jornadas de trabalho e melhora das condições da população no geral que as outras camadas passaram a participar do fenômeno turístico. O crescimento do turismo nos diferentes segmentos sociais representa uma democratização da atividade de viagem de lazer.

Como já mencionado, portanto, o turismo é uma marca da vida do século XX e XXI, que se caracteriza como uma “atividade de lazer que veio a se constituir na sociedade atual como uma necessidade, associada ao bem-estar e à saúde” (MONTEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p. 246). Com a globalização, ele se tornou uma atividade de massa, o que caracteriza um fenômeno em que milhões

de pessoas estão sempre viajando de um lugar ao outro e que o empecilho da distância já não existe, até os lugares mais distantes do mundo são acessíveis à boa parte da população. Os meios que possibilitam estas jornadas existem, mas vale lembrar que ainda existe o aspecto econômico que pode impossibilitar viagens mais longas pelo globo ou até mesmo em escalas menores. Mas o que leva as pessoas a escolherem determinados lugares como seu destino de férias e passeio?

Urry (2001) nos apresenta o termo *tourist gaze*, em português, *olhar do turista*, e afirma que este é o aspecto primordial deste sujeito, pois é transformador da paisagem e define e indica o que atrai pessoas a determinado lugar. Isto porque também demonstra que o local de origem e, portanto a identidade individual do turista, também influencia a escolha e a atração das pessoas a essas localidades. Podemos considerar que é ele que define as tendências, que são fundamentais na hora de se escolher os destinos. Assim, o olhar do turista marca e transforma regiões em mercadorias.

Em o “*O Olhar do Turista*” (2001), o autor evidencia que os destinos turísticos são escolhidos pela expectativa do viajante, em especial aquelas que derivam das fantasias e devaneios, construída por práticas que não estão diretamente associadas à atividade turística, como cinema, programas de televisão, literatura e até música, que afirmam as tendências formadoras do olhar do turista. Assim, o olhar do turista é socialmente organizado e “Aquilo que denominei o olhar do turista está cada vez mais ligado a todo tipo de práticas sociais e culturais e, em parte, não se distingue delas” (URRY, 2001, p. 118). Ao longo do tempo, o acúmulo de informações e facilidade de compartilhamento através da *sociedade em rede* (CASTELLS,1999), cria um “arquivo” base para que os turistas possam selecionar e avaliar os lugares potenciais que visitará. Assim, o olhar do turista está intimamente ligado ao valor de autenticidade, fator de escolha dos destinos. Urry (2001) relata em uma de suas conceituações que “O turista é uma espécie de peregrino contemporâneo, procurando autenticidade em outras ‘épocas’ e em outros ‘lugares’, distanciados de sua vida cotidiana” (p. 25). A autenticidade é uma característica estruturadora do fenômeno turístico, uma vez que para um local ser visitado, ele deve apresentar alguns aspectos que o distingue de demais localidades e, principalmente, do lugar de origem do turista.

Uma lei básica de mercado considera que o que confere valor a qualquer mercadoria é a escassez do produto. E, um lugar, um espaço geográfico é por definição um recurso escasso, que só pode ser experimentado, visto e

apreciado naquela situação. O processo de criação de valor através da peculiaridade e de escassez vem determinando uma competição global por produtos turísticos. (MONTEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p. 247).

Portanto, o viajante está sempre em busca de significâncias e particularidades que diferenciam determinado lugar e que também o diferenciara quando retornar de sua viagem para seu grupo social de origem. Se o olhar é construído através de signos, o fenômeno turístico nada mais é do que uma coleção de signos. Assim, o *tourist gaze* demonstra como os turistas podem ser considerados como praticantes de semiótica (URRY, 2001), que, simplificada, é o estudo dos signos. O autor chega a esta constatação uma vez que os viajantes leem a paisagem à procura de significados, alguns já pré-estabelecidos anteriormente por outros indivíduos e por meios não turísticos.

Lohmann e Netto (2012) afirmam que na atividade turística, o conceito de demanda compreende os indivíduos cujas necessidades incluem o consumo e a expectativa de lugares. Para estes autores, há quatro principais fatores motivadores:

- Físico: relacionado à saúde e aos esportes;
- Cultural: desejo de aprender algo novo, inclusive novas culturas;
- Interpessoal: desejo de conhecer novas pessoas;
- Status: desejo de se mostrar exótico por conhecer lugares não visitados pelas pessoas de seu relacionamento.

Podem existir mais de um destes fatores mencionados acima como motivação para a viagem – múltiplas motivações.

Comumente, o relacionamento entre o olhar do turista e as indústrias do meio que se desenvolveram exclusivamente para atender a atividade turística é problemático. Os turistas tendem a criar expectativas diante do caráter que é dado às viagens de lazer, já que “partir de férias é um acontecimento dotado de particular significado” (URRY, 2001, p. 63). Existe encorajamento para que um comportamento permissivo e livre de restrições seja adotado nestas ocasiões. Diante do cenário lúdico estabelecido pelos próprios agentes produtores e consumidores da atividade turística, as pessoas se mostram extremamente críticas em relação aos serviços proporcionados, uma vez que buscam o extraordinário, até porque, diante da internacionalização do turismo, todos os objetos potenciais do olhar do turista, independente da localização, podem ser comparados entre si. Há pressão, portanto, no mercado local de se adaptar aos costumes e desejos do turista. A indústria busca

sempre se destacar e se superar para atender este grupo cada vez mais rigoroso, e nem sempre ocorre de fato o aumento da qualidade do serviço.

Como resultados da informação rápida e do apelo de mercadorias globalizadas, são grandes as pressões do turismo no sentido de adequar comportamentos, alterar estilos de vida que inevitavelmente acabam distorcendo identidades locais. A procura por satisfazer os desejos destes estrangeiros é incorporada no repertório local com elementos cada vez mais globalizados, tais como localização de cadeias de fast food nas áreas históricas, venda de “artesanatos” industrializados, cafés e bares reproduzindo atmosferas estrangeiras, e muitos outros sintomas. (MONTEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p.248).

Toda essa relação presente na cadeia econômica turística gera impactos positivos e negativos: “o turismo modifica as culturas locais ao inserir nas comunidades novos costumes (música, modos de falar, visões do mundo, culinária, etc.)” (LOHMANN; NETTO, 2012, p.212). Percebemos reflexos na esfera econômica, ambiental, cultural e política.

Economicamente, temos o estímulo de geração de renda e empregos e criação de novas formas de arrecadação, como cobrança de taxas de visitação. Conseqüentemente, com o aumento do capital e fluxos, há melhoria/criação da infraestrutura e prestação de serviços. Existem, contudo, os efeitos negativos. Nesta esfera, ocorre especulação imobiliária; alta dependência da população neste setor (a economia do local se baseia no turismo), ocasionando supervalorização desta atividade e descaso com demais modos de trabalho na localidade, acarretando na perda de antigos ofícios (adentrando a esfera cultural); preço dos produtos nos destinos turísticos costuma ser mais alto, inclusive os artesanais, que mudam de preço dependendo do número de pessoas na área; exploração de mão-de-obra da população com pagamento de salários não condizentes com o mercado (LOHMANN; NETTO, 2012, p. 213).

No cenário sociocultural, os problemas mais comuns são aqueles relacionados ao desenvolvimento urbano descontrolado, assim como na esfera geográfica, e perda da identidade coletiva dos nativos (LOHMANN; NETTO, 2012, p.215). Apesar da possibilidade de inclusão social entre os residentes e turistas, além da melhoria dos serviços, temos a “valorização exacerbada do turista em detrimento da população local” (LOHMANN; NETTO, 2012, p.217) e desenvolvimento de uma visão estereotipada do turista por parte dos nativos e vice-versa.

É impossível falar de identidade coletiva e não falar da relação do turismo com o patrimônio dos destinos turísticos. Algumas perdas e mudanças na dimensão

imaterial já foram citadas, como a perda de antigos ofícios, mas é importante ressaltar que a esfera patrimonial engloba diversos aspectos formadores de uma população ou área. Choay (1999) afirma que a definição e caracterização de patrimônio estão ligadas a diferentes estruturas ou esferas, sendo elas a familiar, econômica e jurídica de uma sociedade enraizada no tempo e no espaço. Carneiro e Silva citado por Lacerda e Zanchetti (2012, p. 148) completam:

Os bens patrimoniais constituem evidências da atividade humana vinculada a uma determinada cultura e guardam informações que precisam ser conservadas como acontecimento histórico – cultura material – ou como memória de hábitos ou tradições – cultura imaterial” (CARNEIRO; SILVA apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p. 148).

Tendo em vista que um dos fatores motivacionais para a escolha dos destinos turísticos é o viés cultural de dada localidade, Lehmann e Netto (2012) afirmam que “O patrimônio cultural adquire valor para o turismo, pois, por meio dele, é possível a disseminação do saber. E os homens, por sua natural curiosidade, sempre querem saber mais e conhecer” (LEHMANN; NETTO, 2012, p. 441). Os nossos conhecidos sítios históricos latino-americanos são, geralmente, caracterizados por um semi-isolamento relativamente recente, apesar do acúmulo de riquezas de um momento anterior (MONTEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p. 248). Este processo de perda de centralidade econômica implicou na carência de infraestrutura e serviços, por outro lado, garantiu a existência do patrimônio histórico destas localidades até os dias atuais. Este é o caso do distrito de Conceição de Ibitipoca, o objeto de estudo desta monografia, cujos aspectos envolvidos neste contexto serão abordados em capítulos subsequentes do presente trabalho. Neste contexto, o turismo pode ser utilizado como recurso para atrair investimentos e gerar empregos para se revitalizar e preservar áreas históricas. Há, entretanto, outro lado extremamente prejudicial para estes locais “... devido à ausência de regulação, à exploração e ao consumo turístico desenfreado, tem sido apontado também como responsável pela destruição dos mesmos lugares portadores de atrativos turísticos” (MONTEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p. 247).

Nos sítios históricos, apesar do aumento da arrecadação de capital, é importante destacar que estes recursos comumente não revertem para a população local. Com o aumento da relevância turística da localidade, pessoas de outras regiões mais desenvolvidas, que possuem maior saber comercial que os nativos, ocupam o território com novas lojas e empreendimentos, que costumam ser mais preparados

do que aqueles dos proprietários locais. Quando a comunidade, no entanto, muda de espectadora para participante ativa da atividade turística, ela passa também a se beneficiar desta cadeia econômica. Assim, temos a modificação da apropriação dos ganhos turísticos (CRESTON, 2014, p.24).

Os impactos negativos costumam aparecer quando há forte incentivo à atividade turística em detrimento de outras cadeias econômicas sem maior planejamento por parte dos órgãos responsáveis, isto é, falta de regulamentos que tragam benefícios a população. O maior controle, desde que bem fundamentado em análises e estudos, garante a sobrevivência do patrimônio de uma localidade, conseqüentemente, da atividade turística no local e o contínuo ganho econômico. Também é importante evidenciar que

O turismo, por si só, não se sustenta a não ser que envolva aspectos relacionados à infra-estrutura, especialmente questões relativas ao saneamento, hospedagem, alimentação, opções de lazer, vias de acesso, serviços e produtos oferecidos no local e meios de transporte para deslocamento, além da divulgação do local em meios de comunicação apropriados. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 86)

Outro aspecto relevante, é que a manutenção do patrimônio local está intimamente ligada à manutenção da própria identidade coletiva, ou memória coletiva. Como já mencionado, a introdução de novas culturas e costumes em um local por meio de diferentes grupos, altera significativamente o modo de vida dos habitantes locais. O perigo de deixar esta situação ir acontecendo sem maior planejamento está no fato de que o próprio aspecto que atrai os turistas pode se perder. Já na questão patrimonial, temos a perda de uma cultura e exemplares arquitetônicos que contam a história de um lugar e que fazem parte da memória local.

Para entendermos melhor essa dinâmica, procurou-se percorrer nos conceitos de memória individual e coletiva, assim como o de história propriamente dita, e como estes se relacionam.

Maurice Halbwachs, em seu livro *“A Memória Coletiva”* (1968), reflete sobre os temas relacionados à memória e seus desdobramentos sobre a vida dos grupos sociais. Sua principal constatação concerne à memória individual e sua relação com a coletiva. Para o autor “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1968, p. 26). Por mais que acreditamos que

nossas memórias sejam individuais, elas, em sua maioria, são construídas junto a outros indivíduos ou compartilhadas posteriormente, perdendo seu caráter particular. Pode ocorrer, também, que as lembranças vivenciadas sozinhas, ao optarmos por não compartilhá-las, são esquecidas em um determinado período de tempo e elas deixam de existir.

Podemos considerar que o que difere a memória coletiva para a individual está no fato desta última “para confirmar algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela” (HALBWACHS, 1968, p. 53). Isso ocorre porque ela não está totalmente isolada. O homem para rememorar precisa recorrer a aspectos coletivos de vão desde outras lembranças de si mesmo e, principalmente, de outros, assim como utilizar de pontos de referências que não estão necessariamente ligados à sua experiência, mas sim a uma sociedade. Ainda, “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio” (HALBWACHS, 1968, p. 54). Estas lembranças mudam de aspecto assim que são transferidas para um conjunto que não é mais de consciência pessoal. A memória coletiva envolve, portanto, a individual, mas não pode ser confundida por ela, uma vez que não precisa dela para existir. É importante frisar, no entanto, que ambas são limitadas ao espaço e ao tempo.

Uma vez clara as diferenças primordiais que nos ajudam a construir o conceito de memória individual e coletiva, assim como suas limitações, passamos a procurar diferenciar o que é memória e o que é história. Halbwachs (1968) trabalha com dois termos ao tratar do tema: memória pessoal e memória social, isto é, a autobiográfica e a histórica.

A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso” (HALBWACHS, 1968, p. 55)

É nesse ponto que percebemos a diferença mais fundamental entre a pessoal e a social. Quando vivemos uma história, diferente de ler sobre ela ou conhece-la por meio de fontes secundárias, conseguimos construir um cenário natural que nos apoiamos para conservar uma imagem do passado. Assim ao lado da história escrita, há uma lembrança que “é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras

reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada” (HALBWACHS, 1968, p. 71). Em relação à diferenciação entre a memória coletiva e a história, o autor citado anteriormente defende que a história se coloca fora dos grupos sociais e acima dele, enquanto a memória coletiva

“É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que não tem nada de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo” (HALBWACHS, 1968, p. 82)

A história se perpetua e se renova com o tempo. Aldo Rossi (2001) afirma que a cidade é construída ao longo do tempo e são as transformações por quais ela passa que a consolidou como sede de acontecimentos antigos e novos que fazem parte da memória da cidade e de seus habitantes, ou sociedade. A construção de suas imagens depende, portanto, da relação entre “os hábitos, o espírito de um grupo o aspecto dos lugares onde ele vive.” (HALBWACHS, 1968, p. 69). Assim, podemos relacionar essa afirmação de Halbwachs com o *genius loci* da Escola Italiana de Aldo Rossi, que considera que a alma do lugar é a “aquela relação singular, mas universal que existe entre certa situação local e as construções que se encontram naquele lugar” (ROSSI, 2001, p.147).

Os habitantes se apropriam dessa relação para formarem e conservarem sua memória coletiva. Em cada época e lugar diferente, existe uma dinâmica distinta, criando sociedades únicas. Halbwachs (1968) afirma que a população local se assemelha aos quarteirões e casas de sua cidade. Podemos considerar, portanto, que vivemos e formamos nossas identidades no “passado que ainda experimentamos” (ROSSI, 2001 p. 52).

Uma cidade carrega marcas da população local, mas se adapta e incorpora impressões de outros grupos externos tanto nos aspectos materiais quanto imateriais da localidade, independente do grau de resistência. Halbwachs (1968) frisa que “os habitantes são levados a prestar uma atenção muito desigual àquilo que chamamos o aspecto material da cidade” (HALBWACHS, 1968, p. 134), ainda que boa parte da população permaneça sensível ao desaparecimento dos fatos urbanos que compõem o espaço das cidades. Se há uma resistência, esta nos permite perceber até que ponto “a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais. Com efeito, as cidades se transformam no curso da história” (HALBWACHS, 1968, p. 135).

No caso de localidades rurais, temos não somente a modificação da paisagem urbana, mas também o impacto na preservação ambiental. O meio ambiente deve ser considerado como um sistema dinâmico.

O meio ambiente pode ser definido como o conjunto das condições, circunstâncias e influências externas circundantes que interagem com uma comunidade, incluindo os fatores do meio físico (ar, água solo), biótico (fauna e flora) e antrópico (sociedade), sob os quais existe uma organização ou um sistema. Ele é social e historicamente construído segundo um processo de interação contínua entre uma sociedade em movimento e um determinado espaço físico que se modifica permanentemente. (BRAGA; CARNEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p. 281).

Para se compreender a dimensão e a essência dos problemas de cunho ambiental, é necessário conhecer as dinâmicas físico-naturais e socioculturais. Isto significar estudar os componentes da paisagem não isoladamente, mas a relação entre eles e o contexto no qual pertencem. Mais comumente, as complicações ambientais em meios urbanos são geradas pelo processo de urbanização sem planejamento. Trata-se de atividades predatórias quando não reguladas. De modo geral, portanto, os problemas deste cunho são criados a partir da ação de uma população sobre os sistemas naturais. É importante, ao estudar o aspecto ambiental de qualquer localidade, não dissociar problemas de natureza social do ambiental. A realidade do local deve ser visto por uma perspectiva socioambiental (BRAGA; CARNEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI X, 2012, p. 283).

O socioambientalismo, portanto, surge como um ideal político que afirma que as políticas ambientais só atingiriam seu objetivo e eficácia se “incluísem as comunidades locais e promovessem uma distribuição socialmente justa e equitativa dos benefícios e do ônus derivado da exploração dos recursos naturais” (BRAGA; CARNEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012 p.283). Assim, deve se promover não somente a sustentabilidade ambiental, mas também a social, de modo conjunto. Atualmente, procura-se adotar essa nova perspectiva na administração das Unidades de Conservação (UC) a partir de medidas de preservação do patrimônio natural, assim como o cultural das localidades que abrigam estas unidades.

As Unidades de Conservação são áreas que apresentam características naturais relevantes e que são “protegidas legalmente e submetidas a um regime especial de administração, com o objetivo de manter íntegros os remanescentes dos ecossistemas naturais, em benefício desta e das futuras gerações” (BRAGA; CARNEIRO apud LACERDA; ZANCHETTI, 2012, p. 284). Cria se um perímetro e uma zona de amortecimento que busca manter intactos ou diminuir os impactos das

áreas urbanas e ocupações na unidade. É importante ressaltar que não é possível isolar estas áreas de preservação. Uma UC integra a cidade ou localidade onde está inserida e é impossível que esta relação não gere impacto em ambas as zonas. Ela é de suma importância na composição da paisagem da localidade e afeta a comunidade ao incentivar de forma direta ou indireta a chegada de capital vindo de investidores que buscam atrair turistas ao local, quando as UC's são visitáveis, por exemplo. A utilização das políticas sob a perspectiva socioambiental é fundamental neste processo, pois possibilita que a unidade de conservação atue não apenas na preservação ambiental do local, mas também social e culturalmente.

2. Conceição de Ibitipoca/MG

A área está localizada na mesorregião da Zona da Mata, a sudoeste do estado mineiro. A Serra do Ibitipoca se insere na Mantiqueira e compreende o território de três cidades: Lima Duarte, que engloba sua porção maior, Bias Fortes e Santa Rita do Ibitipoca. Por se tratar de um capítulo de natureza etnográfica partiremos do histórico da localidade, evidenciando o seu caráter singular nos aspectos culturais e sociais, para a seguir discorrer para uma análise mais específica do arraial nos seus aspectos físicos, arquitetônicos, de infraestrutura e de serviços.

A investigação, ainda, se estenderá ao Parque Estadual do Ibitipoca, quando o debate estará inserido em uma demarcação de tempo que se inicia anterior a abertura do Parque, quando aquele espaço ainda era chamado de Serra Grande. A ocupação de seu território remonta há séculos atrás, desde o garimpo no século XVIII até as décadas anteriores à criação da unidade de conservação, quando a população percorria o local por questões religiosas, coleta de Marcela, pecuária, entre outras atividades que compunham o cenário cultural e social de Conceição de Ibitipoca.

2.1. Histórico

Os índios Araci são considerados os primeiros habitantes da localidade onde hoje se configura o distrito Conceição de Ibitipoca. Esta tribo, pertencente à nação dos Tupinambás, ocupava um território que ia desde a Serra do Ibitipoca até Barbacena (CRESTON, 2014, p. 40). Como motivo para seu desaparecimento no século XVIII, podemos considerar o contato com os bandeirantes e possíveis “conflitos com outros grupos indígenas que migraram de regiões litorâneas, ao serem expulsos por colonizadores portugueses” (BEDIM, 2008, p. 142).

Em termos de ocupação do território de Conceição de Ibitipoca por parte de povos de origem europeia, o primeiro registro refere-se à Bandeira do capelão Padre João de Faria Fialho, aproximadamente em 1692, quando cita em seus registros o “Monte de Ebitipoca” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 29). A localidade se configura, portanto, como uma das mais antigas ocupações de Minas Gerais. A rota

realizada pelo padre, localizada ao sul da de Fernão Dias Paes era uma das mais importantes tendo em vista que em diferentes trechos do caminho foi encontrado ouro, inclusive onde hoje se situa Conceição de Ibitipoca.

No livro *Ibitipoca: a beleza mora na serra* (SMP & B, 1994), o autor relata que a Serra do Ibitipoca é classificada como a segunda maior concentração de quartzito do mundo e foi o brilho dessa formação rochosa que chamou a atenção dos bandeirantes no final do século XVII:

“Aquele brilho que se avistara de longe era provocado pelo quartzito arenoso e não por ouro ou pedras preciosas. Em outras palavras, onde os bandeirantes esperavam encontrar a fortuna havia apenas areia. Mas o ouro estava ali e acabou sendo encontrado” (SMP & B, 1994, p. 7).

Diante desta descoberta, pessoas procedentes de São Paulo, Rio de Janeiro e também portugueses se deslocaram para essa serra e para outras áreas do atual território mineiro por meio de rotas como a do Padre João de Faria Fialho, e de Fernão Dias Paes.

Nos primórdios da ocupação da região, foi encontrado ouro de aluvião no território da Serra do Ibitipoca e essa descoberta, assim como a abundância de terras e cursos d'água, logo atraiu colonos das localidades citadas anteriormente. Em pouco tempo foram construídos residências e estabelecimentos comerciais e administrativos. O local logo se configurou como um importante centro da economia aurífera na região das minas no início do século XVIII. Em 1715, dezenas de moradores da localidade já pagavam onerosos tributos a Fazenda Real pela posse de extensas glebas e de 73 escravos (BEDIM, 2008, p. 143). No final do século XVII foi erguida uma ermida de aparência rudimentar dedicada a Nossa Senhora da Conceição e que logo foi substituída por uma igreja de adobe no início do século XVIII, que mais tarde seria novamente sucedido pela atual Matriz.

O arraial de Conceição de Ibitipoca entrou para os mapas de Minas, mas seu auge foi breve e não admitido na história mineira (SMP & B, 1994). O apogeu aurífero foi curto e em apenas três a quatro décadas o ouro na região praticamente se esgotou. Logo, o custo de sua extração passou a exceder o ganho com a atividade. Os mais abastados logo se retiraram do arraial e se dirigiram a outras localidades mineiras, principalmente àquelas que ainda acumulavam riquezas com produção aurífera, como Ouro Preto. Os moradores que permaneceram na região da serra acompanharam a rápida decadência da localidade e passaram a viver da

pecuária e agricultura de subsistência além de se dedicarem à lavoura do café e da cana-de-açúcar. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 14).

Vale ressaltar que seu declínio não se deve apenas ao esfacelamento da economia aurífera. Considerando a dificuldade de chegada à Conceição de Ibitipoca por conta das trilhas sinuosas e íngremes, a extensa mata que cercava a região, e sua posição estratégica entre as duas principais rotas abertas por bandeirantes em Minas Gerais, seu caminho logo se consolidou como uma via de contrabando de ouro. O governador de Minas Gerais decidiu, então, interditar a Serra do Ibitipoca ao povoamento e à mineração, contribuindo para o seu rápido isolamento e estagnação. Tal acontecimento se deu no ano de 1755 (BEDIM, 2008, p. 153).

Localidades no Brasil Colônia surgiam e se desenvolviam nas margens dos principais caminhos abertos pelo território do país por conta da grande movimentação de pessoas e surgimento de pontos de apoio e de abastecimento. Diante disso, somada ao grande período de exclusão de Conceição de Ibitipoca, sua população viveu em um relativo isolamento imposto por barreiras geográficas, políticas e culturais.

A situação de exclusão perdurou até 1781, quando o então governador de Minas Gerais, Dom Rodrigo José de Menezes, visitou a região para elaborar um relatório sobre a situação atual em que se encontrava não somente o arraial, mas também as estradas que circundavam a região. Diante da manutenção do contrabando nos caminhos sinuosos da Serra de Ibitipoca, foi apontada como solução a concessão de sesmarias a colonos.

A concessão de sesmarias e a organização de uma expedição para a região devem ser entendidas no contexto de uma política de fomento. Tanto no sentido de se tentar descobrir novos sítios minerais, tendo em vista o declínio dos conhecidos centro mineradores, quanto no de se combater o tráfico na região. O entendimento era de que, uma vez que as terras eram dadas aos colonos, estes, diante do sentimento de gratidão e compromisso com a Coroa, assumiriam um papel fiscalizador. Diante da problemática do contrabando na região, “até os menos abastados receberam meia sesmaria cada um”. (BEDIM, 2008, p. 144).

Os governadores da segunda metade do século XVIII estimularam a organização de bandeiras e a abertura de caminhos no vale do rio Doce e no sertão da Mantiqueira. Era voz corrente na opinião pública serem estas regiões ricas em metais preciosos (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 13).

Outra medida adotada pela Coroa na Serra de Ibitipoca foi a proibição de desmatamento de suas matas, numa tentativa de impossibilitar a abertura de novos caminhos, o que dificultaria a fiscalização do contrabando na região. BEDIM (2008) aponta que:

Tal proibição, por um lado, concorreu para com a preservação dos recursos naturais da Serra de Ibitipoca, um dos prováveis motivos pelo qual o território onde atualmente se localiza o parque tenha conservado tamanha biodiversidade. Por outro lado, essas mesmas ordens régias restringiam a abertura de novas vias de acesso¹³⁹ e ligação com outras localidades, imprimindo à população estabelecida na Serra condições ainda mais rudimentares de existência. (BEDIM, 2008, p. 147)

Apesar do período de decadência econômica e política por qual Conceição de Ibitipoca passava, a localidade ainda usufruía de certo prestígio adquirido anteriormente em seu auge da exploração aurífera local. Assim, em 1818, o distrito conseguiu se elevar à condição de freguesia por alvará régio, sendo desmembrada de Barbacena. Esta nova posição permaneceu por pouco tempo, já que, logo em 1832, a freguesia foi transferida a Santa Rita.

Desde o início do século XIX a região da Serra de Ibitipoca atraía a atenção de cientistas e viajantes estrangeiros que se interessavam por sua biodiversidade, como foi o caso do botânico e naturalista francês Saint-Hilaire que, em 1822, percorreu a Serra para realizar os primeiros estudos de sua flora e peculiaridades de sua paisagem natural. Logo no início de seu trabalho, o naturalista identificou espécies que futuramente se mostrariam endêmicas da região. Em seus relatos ricos em detalhes sobre as espécies e cenários encontrados na localidade podem-se identificar, inclusive, aspectos rotineiros e culturais da população que ocupava o local. Em relação à vila, ele relata: “Depois de mais ou menos uma légua, chegamos à vila de Ibitipoca, situada num alto. Embora cabeça de distrito que se estende até Rio Preto, consta esta vila de algumas casinholas apenas, e do pior aspecto” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 32). Sobre a mais antiga edificação da localidade, a Fazenda do Tanque (Fig. 2), localizada na atual estrada para o Parque Estadual do Ibitipoca, o botânico diz que ela “parece ter tido outrora alguma importância, mas tornou-se a prioridade de alguns mulatos que parecem muito pobres e cai atualmente em ruínas” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 32). Ambas descrições indicam que a região passava por um período de decadência e dispersão populacional.

Outra importante narrativa de Saint-Hilaire (1974) que nos interessa como fato de relevância histórica e social é acerca da situação dos negros e mulatos da

freguesia. Seus relatos da viagem registram que a área onde atualmente se localiza o parque serviu, num passado escravocrata, como abrigo para os escravos que fugiam das fazendas locais. São inúmeros grutas e refúgios naturais que compõem o Parque, caracterizando-o como um local ideal para esconderijos. Na cidade de Bias Fortes, cujo território atual faz divisa com o do Parque Estadual do Ibitipoca, há uma quilombola remanescente, a Colônia do Paiol, o que reforça este relato.

É importante destacar neste subcapítulo a construção da Matriz de Conceição de Ibitipoca (Fig. 1). Como já mencionado, a antiga ermida fora substituída por uma igreja de adobe de aspecto também rudimentar. Tal construção foi demolida e em seu lugar foi construído o templo atual, cuja sagração data do ano de 1768. Sua edificação foi firmada por um grupo de ricos fazendeiros da região que trouxeram entalhadores, pintores e santeiros de São João dei Rei (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 11). Esta igreja, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, é um patrimônio tombado a nível municipal.

Figura 1 – Fazenda do Tanque.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 2 – Igreja Matriz de Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

O território do atual município de Lima Duarte, anteriormente denominado Distrito do Rio do Peixe, pertenceu no início de seu povoamento à Comarca do Rio das Mortes, com sede em São João del Rei. A partir de 1791, a localidade foi integrada a Barbacena e, em 1839, foi elevada à sede de Distrito de Paz. Em 1859 foi assinada a lei que lhe conferiu o título de Freguesia. Já em 1884, o distrito foi elevado a município e foram anexadas ao seu território as freguesias de Conceição de Ibitipoca e Santo Antônio da Olaria.

Com a contínua ascensão do povoado do Rio do Peixe, Conceição de Ibitipoca foi perdendo ainda mais expressão, tornando-se uma localidade remota e relativamente esquecida. Ao contrário de Lima Duarte, o distrito não foi assistido pela malha ferroviária, em função das limitações da própria topografia local e de sua pouca representatividade econômica nas primeiras décadas do século XX. Assim, a população do distrito permaneceu semi-isolada, situação que só foi transformada na década de 1970, após a criação do Parque Estadual do Ibitipoca em 1973 (BEDIM, 2008, p. 169).

Embora a ocupação do território tenha iniciado em Conceição de Ibitipoca, atualmente, enquanto distrito de Lima Duarte, a vila incorpora-se a esse município, fazendo parte de sua administração e de suas demais atuações gestoras.

O que podemos perceber é que a história de Conceição de Ibitipoca possui episódios semelhantes aos observados em outras cidades de Minas Gerais, como exemplifica Bedim (2008):

Ocupação inicial por populações indígenas, a chegada dos bandeirantes e a subsequente extinção e/ou aculturação dos contingentes nativos; a súbita ascensão e declínio da mineração do ouro; a emergência de novas atividades econômicas suplementares; visitas de naturalistas estrangeiros no século XIX; presença de refúgios quilombolas. (BEDIM, 2008, p. 155).

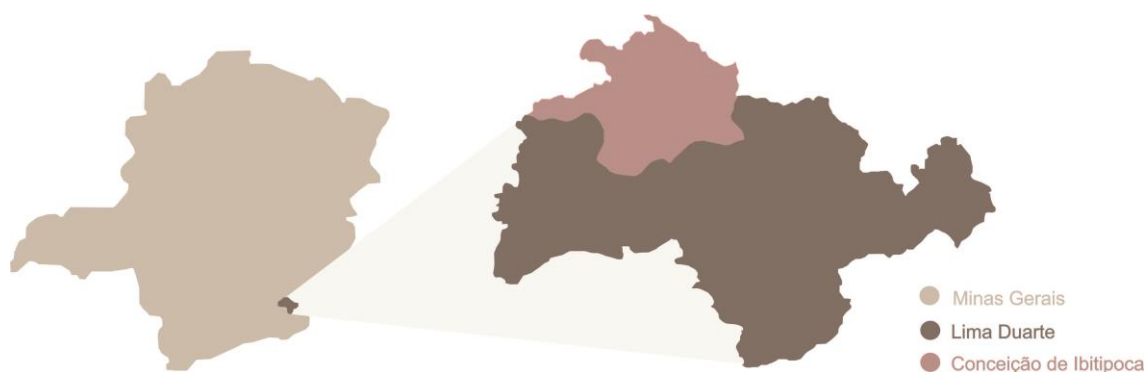
Halbwachs (1968, p. 55) ainda completa: “É que a história, com efeito, assemelha-se a um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas”. Isto é, confirma que diante do percurso do tempo, os lugares estão sujeitos a se alterarem e isto é natural.

Até o momento que o Parque é aberto, em 1973, vemos um caráter cultural e social de uma sociedade isolada. Após este evento, com a chegada do turismo a partir da década de 80 e, intensificado no neste século XXI, percebemos a alteração e perda de marcas individualizantes da localidade. Não cabe neste histórico decorrer sobre este período, estabelecido entre 1973 e o ano atual, pois os fatos formadores dessa etapa na história de Conceição de Ibitipoca têm como principal atributo as mudanças, ou consequências, do avanço da atividade turística no arraial, que serão abordadas em outro capítulo deste trabalho. A observação e entendimento das resultantes da atividade turística representa um dos objetivos desta monografia e por isto serão discutidos de acordo com o interesse do estudo.

2.2. O Arraial

Pertencente à cidade Lima Duarte/MG, o distrito de Conceição de Ibitipoca se encontra a 27 km de sua sede, a 80 km de Juiz de Fora e 75 km de Barbacena. Seu principal acesso se dá por Lima Duarte por uma estrada de chão com trechos calçados piso intertravado (Fig. 4). A falta de manutenção desta faz com que se encontre em maior parte do ano em estado precário e, inclusive, alguns dias intransitável, fazendo com que o distrito fique isolado.

Figura 3 – Localização de Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: Adaptado de MORAIS, 2013.

O clima de Conceição de Ibitipoca é classificado como tropical de altitude, apresentando ao longo do ano temperaturas médias que variam entre 15° C e 18° C. O período seco no local dura três meses e ocorre no inverno, quando as temperaturas caem, sendo que a mínima absoluta beira -4° C. Um fator que explica tal valor é a altitude da ordem de 1250 metros no arraial (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 42). O verão é quente e chuvoso e “a temperatura máxima absoluta é da ordem de 36°C” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 42). A alta umidade deste período favorece a fauna e flora da localidade, uma vez que as epífitas (bromélias e orquídeas, por exemplo) encontram nestas condições um habitat ideal para reprodução. Estas espécies, como veremos mais a frente no decorrer deste trabalho, abrigam insetos e anfíbios. Em relação aos índices pluviométricos, os dados levantados apontam pluviosidades médias anuais de 1545,4 milímetros (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 44).

O trânsito de Ibitipoca a Lima Duarte pode ser feito por meio de ônibus. A única linha que faz este trajeto é pertencente à empresa Vimara e possui apenas dois horários diários, um no início da manhã e outro no final da tarde. A linha atende a população todos os dias da semana. Ocasionalmente, em períodos de férias ou feriados, quando o arraial recebe grande fluxo de turistas, a empresa fornece ônibus extras. De acordo com informações obtidas em conversas com os moradores, a frota se encontra em péssimas condições de conservação e não possui os equipamentos básicos de segurança necessários para tal travessia.

No censo de 2010, o número de residentes na localidade era de 1004 habitantes (IBGE, 2010). A comunidade representa 6,2% da população total da cidade de Lima Duarte. As mulheres figuram a maior parcela deste número (53,2%) (IBGE, 2010).

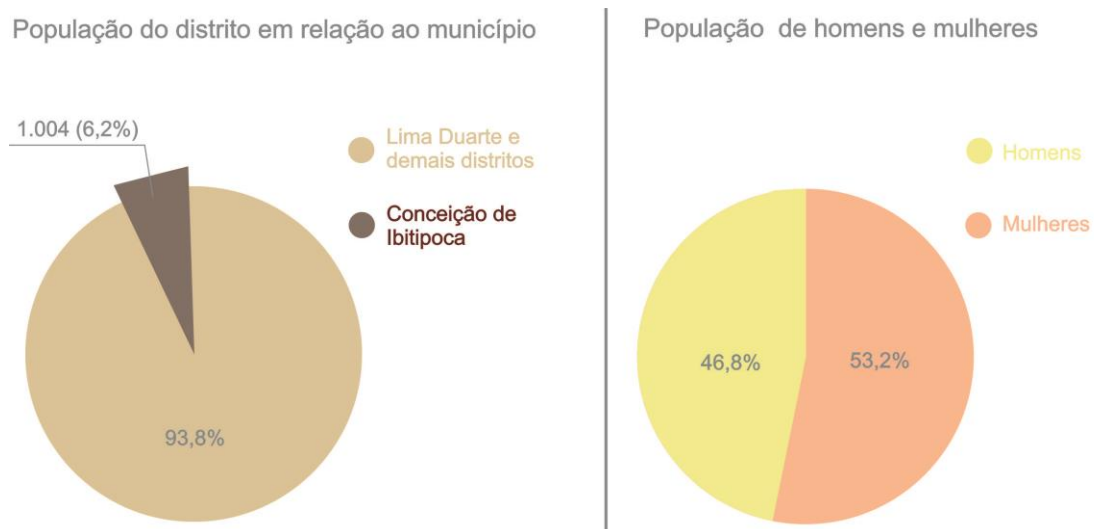
Ao analisar a pirâmide etária do distrito, percebemos que a maior parte da população está concentrada na faixa considerada como “idade ativa”, ou seja, entre a idade de 15 a 50 anos (Fig. 6).

Figura 4 – Estrada de acesso à Conceição de Ibitipoca/MG.



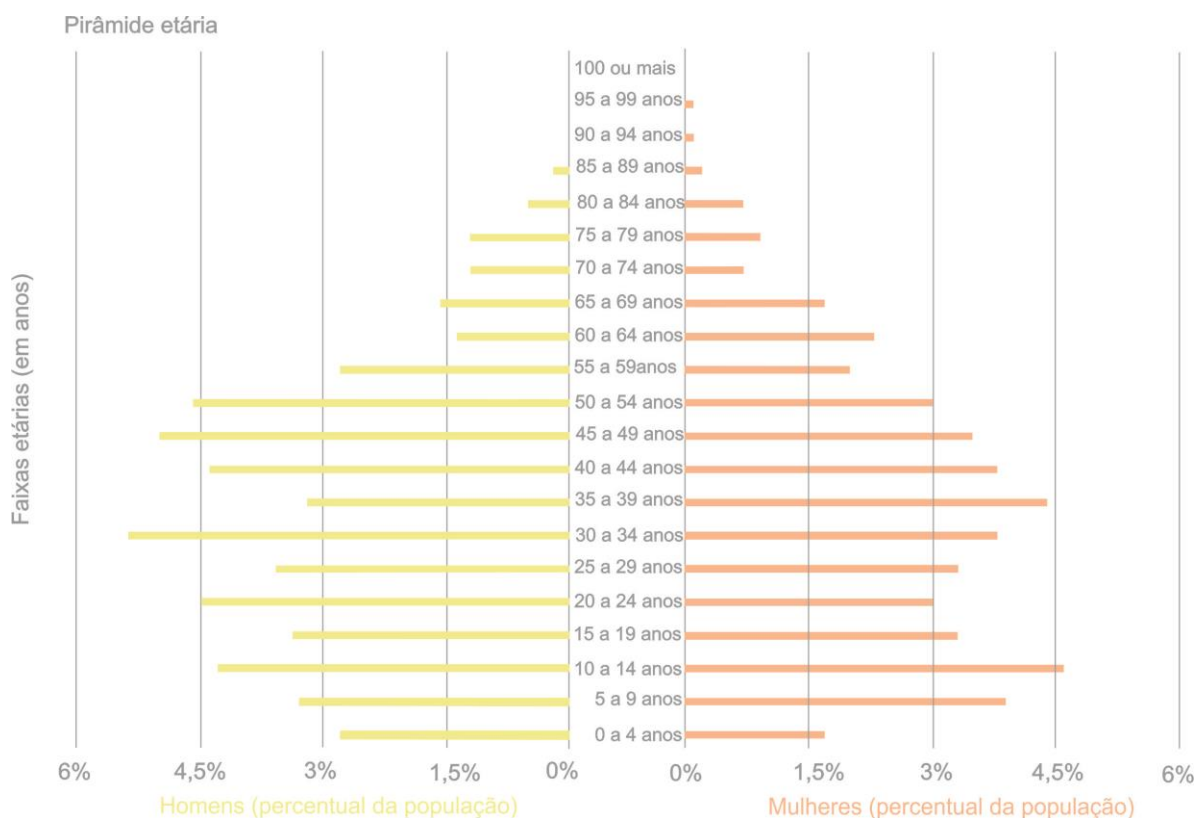
Fonte: Acervo da autora, 2017.

Figura 5 – Distribuição populacional de Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: Adaptado de IBGE, 2010.

Figura 6 – Pirâmide etária de Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: Adaptado de IBGE, 2010.

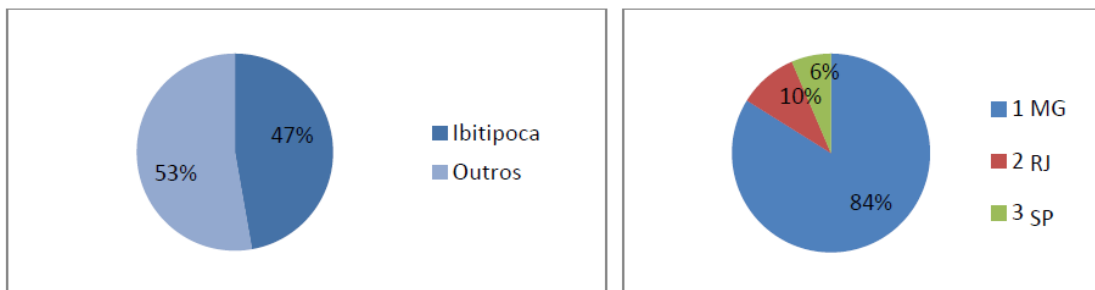
Creston (2014) em sua tese de mestrado *Turismo e preservação em Ibitipoca/MG: olhares diversos*, realizou uma série de questionários, inclusive com os moradores, e elaborou dados e gráficos sobre a realidade social do distrito. Apresentarei alguns de seus resultados nesta monografia afim de melhor caracterizar o arraial para o leitor. Diante do aumento no fluxo de turistas nas duas últimas décadas, em especial, a passada, percebemos que no meio dos moradores do local, muito não são nativos. Dentre as pessoas que responderam os questionários de Creston (2014), a maioria afirmou não ter origem em Conceição de Ibitipoca. Das pessoas cuja naturalidade não é do distrito, a maior parte veio de dentro do estado de Minas Gerais e os demais de São Paulo e Rio de Janeiro.

O aumento do número de pessoas que chegam no arraial para estabelecer moradia também foi constatado por meio destes questionários aplicados por Creston (2014), que indicam que 22% dos indivíduos perguntados afirmam morarem no local por até cinco anos.

Creston (2014) ainda levantou sobre as principais atividades exercidas pelos moradores. A maioria afirma trabalhar com comércio na localidade e este número

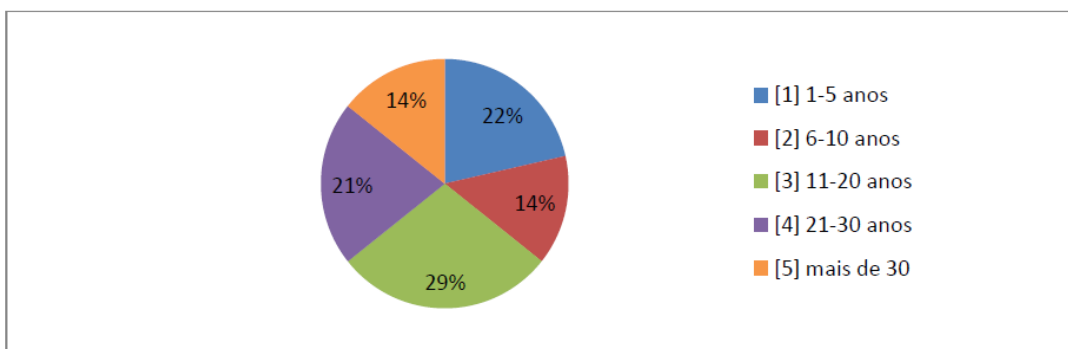
expressivo pode ser consequência do aumento da necessidade de ofertar serviços para o turista, como veremos no capítulo subsequente.

Figura 7 – Origem dos moradores de Conceição de Ibitipoca/MG.



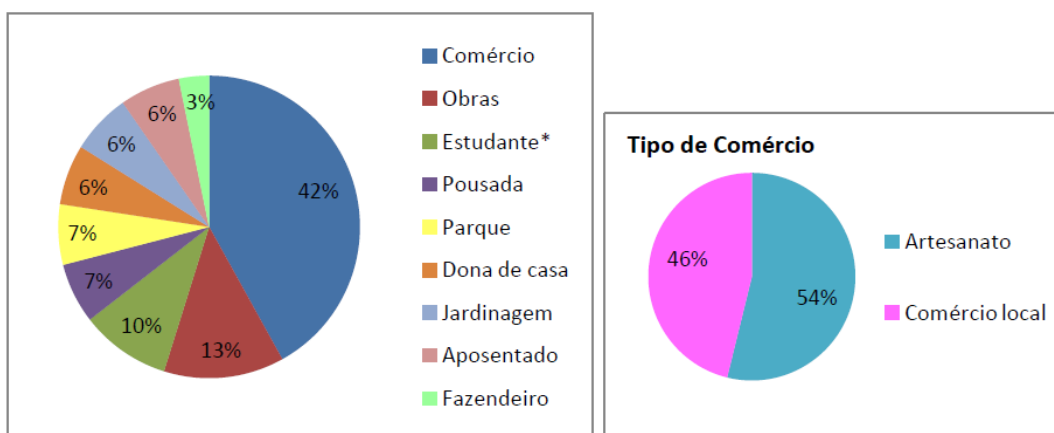
Fonte: CRESTON, 2014.

Figura 8 – Tempo de moradia em Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: CRESTOM, 2014.

Figura 9 – Ocupação dos moradores em Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: CRESTON, 2014.

O solo da vila é considerado raso, isto é, pouco desenvolvido. Assim, podemos dizer se tratar de um solo pobre, onde foi possível desenvolver apenas agricultura rudimentar ou de subsistência. Além disso, o local era e, de certo modo continua a ser, de difícil acesso. A população local viu, portanto, no turismo um modo de melhorar suas condições de vida. Como já mencionado, o distrito era muito pobre antes da chegada do turismo no local e hoje a população local se vê dependente desta cadeia econômica. Esta relação em que outros meios produtivos acabam sendo descartados é nociva para o desenvolvimento sustentável da localidade. Ocorre, diante da chegada do turista e de sua cultura, a substituição de valores e costumes dos nativos. No enfrentamento desta nova realidade, moradores fundaram a Associação dos Moradores Amigos de Ibitipoca – AMAI em 1993. organização não governamental, com objetivo de defesa da serra e de sua comunidade. A ONG também pretende responsabilizar-se pela promoção de eventos e obras de melhoramento da vila (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 90).

A AMAI procura auxiliar no ordenamento da vila diante do crescimento sem precedentes oriundo da atividade turística. Creston (2014) levantou que dentre aqueles que responderam os questionários, apenas 32% da população local participa da associação, fato que dificulta sua ação efetiva.

Figura 10 – Participação na AMAI.



Fonte: CRESTON, 2014

Todos os entrevistados citam a perda de alguns ritos culturais em Conceição de Ibitipoca, como por exemplo, a Encenação da Paixão de Cristo. Este cerimônia religiosa acontecia todos os anos durante a Semana Santa, período de grande movimento na vila. O fluxo de turista nesta época ocupa os moradores com atividades relacionadas a esta cadeia econômica, impossibilitando sua participação

no evento¹. A Festa de Nossa Senhora da Conceição, realizada em dezembro, ainda ocorre todos os anos, mas de acordo com relatos de moradores com menos festejos religiosos. Atualmente, esta festa chegou a tal proporção que atrai visitantes, investidores e atrações de outras cidades.

Seguindo o calendário oficial de eventos da prefeitura de Lima Duarte de 2016, temos como ainda remanescentes da cultura do distrito a Festa Junina do Sr. Zé Walter e Dona Miúda, Festa de Nossa Senhora Aparecida e a Reza do Terço. Além destes citados anteriormente, outros três eventos que já acontecem há alguns anos no arraial vêm sendo caracterizados como já tradicionais da localidade: IbitiBlues (16ª edição), IbitiJazz (17ª edição) e Ibitipoca OffRoad (27ª edição). O primeiro ocorre no mês de julho, enquanto os outros dois em agosto. Com estes festivais, vemos a “assimilação da cultura externa já como parte da dinâmica do lugar” (CRESTON, 2014, p. 91).

Quando perguntado aos entrevistados sobre a infraestrutura e oferta de serviços do local, todos responderam que acreditam que atualmente a maior reivindicação da população local frente à prefeitura de Lima Duarte é em relação à melhoria da estrada. João Carlos de Oliveira, diretor do Parque Estadual do Ibitipoca declara durante entrevista realizada para elaboração desta monografia que “eles (comunidade) cobram muito a questão da estrada para a prefeitura. Eu acho que não é a questão de ser asfaltada ou calçada, mas sim de ter o acesso 365 dias no ano. Saber que o ônibus vai subir, chovendo ou não chovendo”².

Além da estrada, a falta de água e luz em feriados são problemas recorrentes em Conceição de Ibitipoca e, ainda, em relação à infraestrutura, constitui grande problema o despejo do esgoto no córrego que atravessa a localidade, fato relatado também por dois entrevistados quando perguntados sobre as deficiências locais. O serviço de coleta de lixo ocorre segunda, quarta e sexta. De acordo com a Secretaria de Administração de Lima Duarte, ainda ocorre uma coleta extra após feriados prolongados, normalmente na terça-feira seguinte³. Vale ressaltar que apesar do patrimônio ambiental do local, não há coleta seletiva.

Também são mencionados os problemas com o posto de saúde do local. Apesar da boa localização e equipamentos, não há médicos e funcionários. O posto funciona com consultas apenas uma vez por semana, “a pessoa tem que escolher

¹ BARRA, Antônio. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, jan. 2017. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice C desta monografia].

² OLIVEIRA, João Carlos. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia].

³ Dados obtidos em visita à Secretaria de Administração de Lima Duarte, out. 2016.

um dia para ficar doente”, diz Antônio Barra durante a entrevista⁴. Qualquer problema mais sério, a pessoa tem que descer a serra até Lima Duarte. A localidade conta com uma ambulância para emergências, mas esta também se encontra atualmente sem motorista contratado, assim há voluntários que a dirigem quando necessário.

Ainda sobre a oferta de serviços, vale ressaltar que não há bancos ou caixas eletrônicos em Conceição de Ibitipoca e a maioria dos empreendimentos, inclusive o Parque Estadual não possuem serviço de cartão de crédito. Casos de turistas desavisados que tentam ir à unidade de conservação sem dinheiro é comum na localidade, de acordo com os moradores. Duas operadores de celular operam no local. O distrito também não possui postos de gasolina, outro problema para o turista desavisado que não coloca gasolina em sua ultima parada, normalmente Lima Duarte. Para conseguir combustível em Ibitipoca, é necessário recorrer a moradores. Outro serviço deficiente é o de segurança. O único posto policial da localidade se encontra fechado por conta de corte de gastos e falta de funcionários, por deficiência da política estadual.

Em relação à arquitetura local, Bedim (2008), afirma que esta possui tipologia típica rural, com casas que “ostentam telha argilosa e tijolo artesanal exposto” (BEDIM, 2008, p. 284) (Fig, 11). Creston (2014) também identificou a tipologia arquitetônica do tijolinho aparente em Conceição de Ibitipoca (CRESTON, 2014, p. 120). Creston (2014) atenta para o surgimento de uma “nova tipologia de tijolinho, que segue seu rumo no novo momento, para além do passado colonial de surgimento da ocupação, com suas características específicas” (CRESTON, 2014, p. 120).

⁴ BARRA, Antônio. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, jan. 2017. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice C desta monografia].

Figura 11 – Arquitetura local de tijolo artesanal exposto e telha argilosa



Fonte: acervo da autora, 2016.

A Matriz da localidade, dedicada a Nossa Senhora da Conceição foi construída em 1768 e tem como característica a construção de sua torre em corpo separado. O adro é formado por um muro baixo de pedras que data do mesmo ano que a matriz. Na lateral esquerda do mesmo existia um cemitério de escravos, enquanto os nobres eram enterrados no subsolo da própria igreja. Possui duas sacristias ligadas ao corpo principal, composto pela nave maior e santuário.

As grossas paredes de 100 cm de espessura são feitas em pedras, estas retiradas da Tapera e do Sitio Beta e transportadas por escravos em carros de boi. Para uni-las foi utilizada uma massa com óleo de baleia. Cada parede é dupla, com uma camada de terra entre elas. (CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE LIMA DUARTE, 1997, n.p.).

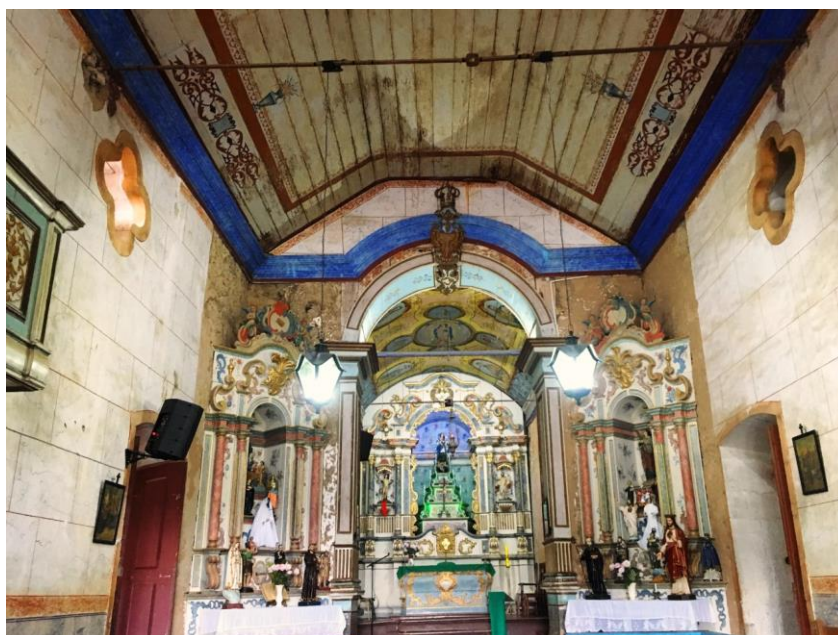
De acordo com o Conselho Deliberativo de Lima Duarte (1997), a matriz possui fachadas de estilo colonial e interior predominantemente barroco, com afrescos nas paredes e nos tetos e

O trono de Nossa Senhora é composto por 4 degraus em forma de pirâmide. No teto encontra-se uma pintura representando o Espírito Santo entre nuvens. Ao fundo dois anjos que flutuam. Toda beirada do nicho é ornada com entalhes dourados. Abaixo do trono está o sacrário cuja porta em forma de 4 corações forma uma cruz. Toda a área do sacrário é coberta por uma fina camada de ouro. A mesa do altar-mor é um rico trabalho de entalhe na madeira policromada em ouro, para realçar os contornos está representado o sagrado coração de Jesus. (CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO DE LIMA DUARTE, 1997, n.p.).

Além do altar descrito anteriormente, há outros dois altares laterais. O piso da matriz é todo em tábua corrida. Seu forro é pintado com desenhos de florões, objetos sacros e representação da Nossa Senhora sendo coroada por anjos, enquanto as paredes internas receberam pintura que imita mármore. Além disso, “...as paredes internas possuem pintura que imita o mármore. Acredita-se que a tinta usada nas pinturas da igreja tenha sido produzida no próprio local, com cores extraídas de plantas nativas” (CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE LIMA DUARTE, 1997, n.p.) (Fig. 12).

A Igreja Matriz da Imaculada da Conceição de Ibitipoca é tombada em nível municipal de acordo com o Decreto nº 04/97 de Lima Duarte. O Decreto nº 05/99 também tombou a Praça da Matriz. Há ainda nas imediações da Matriz edifícios remanescentes do século XVIII e XIX (Fig. 14).

Figura 12 – Interior da Matriz de Conceição de Ibitipoca/MG



Fonte: Acervo da autora, 2016

Identificamos também edificações construídas em pau-a-pique, como a Capela de Nossa Senhora do Rosário (Fig. 13), construída pelos escravos no século XIX, tombada através do Decreto nº 03/98 da Prefeitura de Lima Duarte. A Praça Nossa Senhora do Rosário também foi tombada pelo decreto 08/99, além de uma área verde próxima.

Figura 13 – Capela de Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 14 – Conceição de Ibitipoca/MG em 1968, com marcação de edifícios históricos remanescentes.



Fonte: Adaptado de CRESTON, 2014.

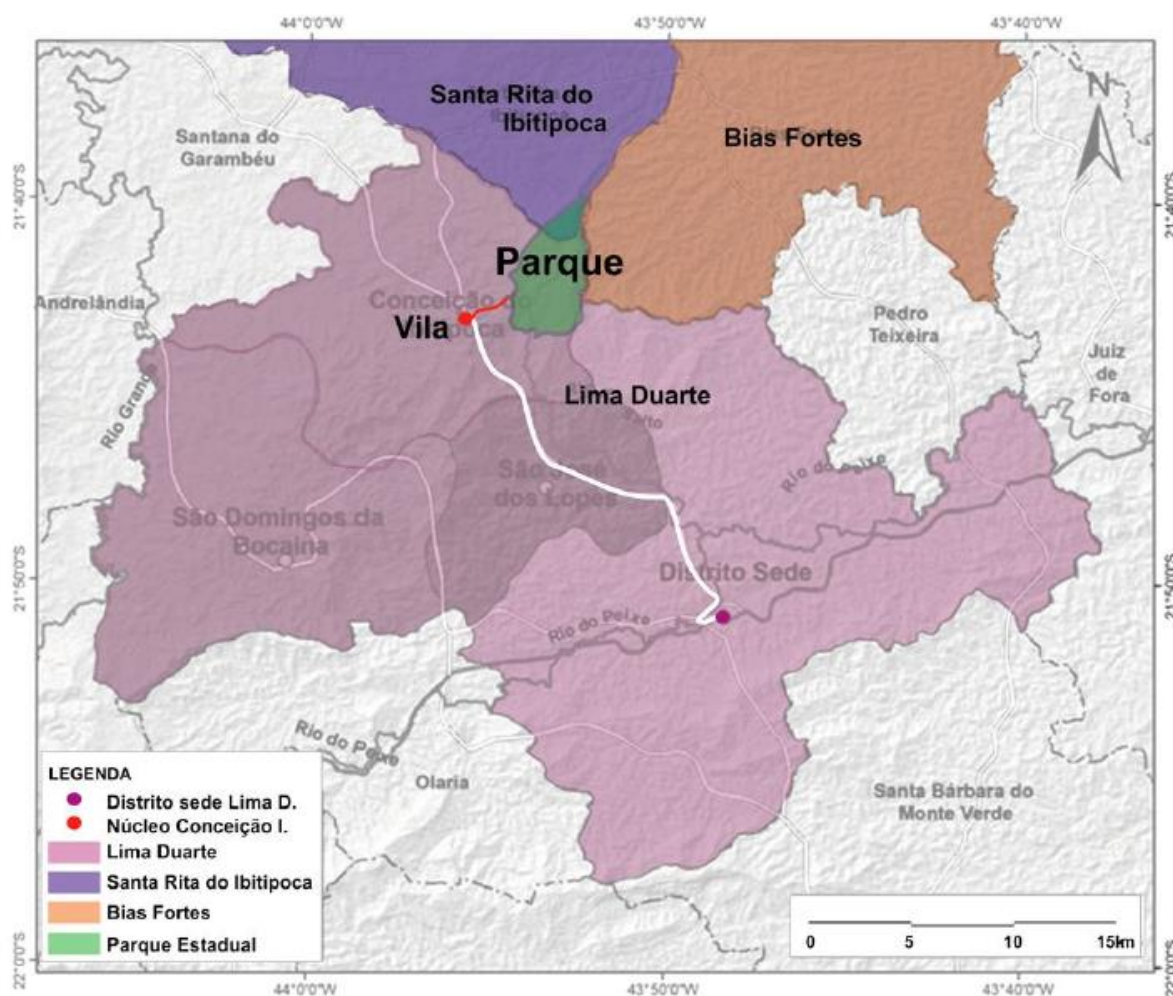
2.3. O Parque

O Parque Estadual do Ibitipoca, criado em 4 de julho de 1973 pela Lei nº 6.126, está localizado a cerca de três quilômetros do distrito de Conceição de Ibitipoca em uma área de 1.488 hectares e seu único acesso viável ao público é

através de estrada calçada. Inserido na Serra do Ibitipoca, constitui-se em uma ramificação lateral da Serra da Mantiqueira e possui uma altitude variável até a cota máxima de 1.840 metros, sendo assim, o ponto mais alto de toda a região.

O território dessa unidade de conservação engloba duas localidades, sendo que a maior parte de sua área está localizada no território do Distrito de Conceição de Ibitipoca (município de Lima Duarte), e outra parte menor no município de Santa Rita do Ibitipoca. Os seus limites fazem ainda divisa com a cidade de Bias Fortes (Fig. 15).

Figura 15 – Limites do Parque Estadual do Ibitipoca.



Fonte: CRESTON, 2014.

A criação do Parque se justifica pelas características singulares do local, desde sua constituição geológica, seus cursos d'água, comumente chamados pelos nativos e visitantes como de "cor de coca-cola". Além de flora e fauna ricas, nas quais há a identificação de espécies endêmicas e ameaçadas de extinção.

Reforçando seu valor cênico, desde 2013, de acordo com o Instituto Estadual de Florestas (IEF), o Parque Estadual do Ibitipoca é a unidade de conservação mais visitada de Minas Gerais, além disso,

Além da óbvia beleza cênica das paisagens da UC, há ainda o potencial cultural de seu território. Ambos, aliados, conferem grande potencial turístico ao local e “por conseguinte, foi engendrada uma série de tensões estruturais no interior de um movimento processual de transformação econômica e social” (BEDIM, 2008, p. 24).

O Parque Estadual do Ibitipoca, Unidade de Conservação gerenciada pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF), foi classificado como o 3º melhor parque da América Latina pelo traveller's Choices 2013 do site de viagens TripAdvisor. A seleção das melhores atrações é realizada com base nas avaliações e opiniões de viajantes que acessam o TripAdvisor, considerado o maior site de viagens do mundo. No Brasil, o Ibitipoca foi considerado o 2º melhor parque. Em 93% das avaliações e opiniões deixadas no site a Unidade de Conservação foi considerada como excelente. (IEF, 2013).

Anteriormente à criação do parque, o local onde hoje se insere a unidade de conservação era conhecido como Serra Grande. A população local utilizava a área para atividades culturais, sociais e também de agropecuária de subsistência, como por exemplo, a coleta de macela pelas mulheres da região. Esta flor é uma espécie típica dos campos de altitude, como aqueles de Ibitipoca. Com duas colorações, amarela e branca, ambas são encontradas na serra. Os nativos coletavam a branca para uso medicinal, enquanto a amarela era utilizada como enchimento para travesseiros e colchões. Era comum ocorrer trocas ao invés de venda (BEDIM, 2008, p. 168). A não assistência da malha ferroviária no distrito de Conceição de Ibitipoca também contribuiu para a manutenção deste cenário de pouca produtividade e atividade comercial, condições que só seriam modificadas na década de 1970, com a abertura do Parque Estadual do Ibitipoca e a chegada do turismo.

De acordo com Creston (2014), na criação do Parque, a preservação ambiental permaneceu em segundo plano diante do pensamento político vigente da elite na década de 1960 e 1970 que “antevia na institucionalização de parques e sua respectiva visitação, uma das vias para o desenvolvimento turístico nacional, mais do que uma preocupação de cunho ambiental, discurso proferido como justificativa” (CRESTON, 2014, p. 49). Bedim (2008) ressalta que a iniciativa da criação da UC não veio da população local, mas sim de grupos de outras localidades com baixa participação dos nativos no processo.

Como já mencionado anteriormente, a criação da UC na Serra Grande deu início a uma série de mudanças de grandes proporções nas esferas socioculturais, urbana e geográfica. As terras, cujos donos eram nativos, que circundavam a área delimitada na criação do Parque eram caracterizadas pelo tamanho reduzido das porções agricultável, decorrentes das sucessivas repartições entre muitos hereditários. Diante da chegada do turista, os nativos se viram em um dilema entre resistir como campônio, fazendeiro, e enfrentar a desfavorável concorrência com os recém-chegados, usualmente mais bem preparados financeiramente, ou, então, vender suas terras:

Com propriedades rurais muito pequenas para delas retirar o sustento, parte da população não vislumbrou outra opção senão lotear suas terras e vendê-las para quem intencionava estabelecer empreendimentos turísticos ou construir residências secundárias. É o caso, por exemplo, da fazenda do Tanque. (BEDIM, 2008, p. 173).

Após a venda de seus terrenos, o indivíduo se viu fixando residência no arraial ou, em alguns casos, Santa Rita do Ibitipoca e, ainda mais atípico, em outras cidades da região, como Lima Duarte e Juiz de Fora, por exemplo. Se deu, então, o início de um processo onde os diferentes agentes passam a disputar o controle dos recursos disponíveis em áreas antes geridas pela população local. Certos usos do local por parte da comunidade foram proibidos, como a coleta da macela e utilização da área como pastagem para criações de gado. Algumas manifestações religiosas se perderam, enquanto outras conseguiram sobreviver por iniciativa da própria unidade de conservação e parte da população. A Reza do Terço, por exemplo, ainda é realizada no ponto mais alto do Parque, o Cruzeiro na Lombada com a ajuda da administração atual da instituição estadual, que tem implantado a perspectiva socioambiental em suas políticas locais a partir de projetos de educação ambiental, como mencionado pelo atual diretor da unidade, João Carlos Oliveira, em entrevista.⁵

3.2.1. Aspectos administrativos e infraestrutura

A gestão do Parque Estadual do Ibitipoca é por um diretor nomeado pelo IEF- Instituto Estadual de Florestas. Atualmente, se encontra no cargo o biólogo João

⁵ OLIVEIRA, João Carlos. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia].

Carlos Lima de Oliveira, que assumiu a função há 12 anos. Atualmente, são 22 funcionários, apesar de que, no momento de elaboração desta monografia, estes se encontram em greve por falta de pagamento por parte das empresas terceirizadas contratadas pelo Estado. Assim, para que o Parque e suas principais atrações continuassem abertas, foram chamados voluntários para cobrir o trabalho dos funcionários que se encontravam ausentes.

O cargo de direção é de confiança, isto é, de nomeação pela diretoria do IEF, porém de recrutamento restrito entre os servidores efetivos da instituição. Em relação às atividades exercidas no cargo, ele diz que se trata de “um faz tudo”. Dependendo do número de funcionários de uma unidade de conservação, ele deve realizar desde funções administrativas até carregar água, como ele mesmo exemplifica. O gerente deve, acima de tudo, gerir o Parque independente das funções impostas. Um trabalho importante que João Carlos menciona é em relação à comunidade. Ele informa que estão trabalhando em um projeto de educação ambiental com a população local ⁶.

Este projeto, citado anteriormente, coordenado pela gestão do Parque Estadual do Ibitipoca, tem como objetivo o resgate da cultura e tradição da comunidade de Conceição de Ibitipoca ⁷. Diante do fluxo intenso de turistas e consequente perda da cultural local, com a substituição de antigos costumes por aqueles advindos do visitante, se identificou a necessidade da unidade de conservação influenciar neste processo, como por exemplo no resgate de uma das manifestações religiosas da comunidade, a Reza do Terço (Fig. 16), rito católico que a população realiza desde o ano de 1943 (BEDIM, 2008, p. 197) no ponto mais alto da unidade, o Cruzeiro no morro da Lombada (1780m de altitude).

⁶ OLIVEIRA, João Carlos. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia].

⁷ OLIVEIRA, João Carlos. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia].

Figura 16 – Reza do Terço na década de 1980.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Ávila, 2016.

Em relação à infraestrutura, a unidade de conservação conta com uma portaria construída em alvenaria onde é feita a venda e controle de ingresso. Os turistas recebem as primeiras informações nesta guarita e são encaminhados ao Centro de Visitantes. São admitidas 300 pessoas de terça à sexta-feira e no fim de semana, 800. Sendo que, diariamente, são permitidos até 30 carros, que ficam estacionados numa área próxima ao camping, equipamentos de apoio ao campista, restaurante e Centro de Pesquisa.

O Centro de Visitantes August Saint-Hilaire possui uma sala de recepção e exposição, cozinha, banheiros, loja e um auditório. Neste local, o turista recebe informações sobre os percursos e atrativos do Parque, assim como da história e cultura local, fauna, flora, geologia, hidrografia e etc. Há distribuição de mapas e folhetos informativos neste centro. O seu segundo pavimento é destinado ao setor administrativo da unidade. O Centro de Pesquisa do local, localizado junto ao estacionamento, possui dois laboratórios, uma biblioteca, dois quartos, banheiro e cozinha. Anexo a este centro há ainda duas suítes para acomodar pesquisadores e trabalhadores. O Parque Estadual do Ibitipoca conta com mais três casas de

hospedes, localizadas próximas ao Centro de Visitantes (GUIA DE TURISMO ECOLÓGICO DO PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA, 2008, p. 34).

O camping é uma área delimitada de aproximadamente 600 m² com piso de areia quartzítica (GUIA DE TURISMO ECOLÓGICO DO PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA, 2008, p. 35). Neste espaço não há fornecimento de energia elétrica. Existe um equipamento de suporte ao campista com banheiros, pias, tanques e churrasqueiras a uma curta distância (cerca de 50 m), localizado junto ao restaurante, que é terceirizado (Fig. 17). Também próximo a este ultimo, há um anfiteatro com capacidade para 60 pessoas.

Figura 17 – Restaurante e apoio ao campista.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Atualmente, o Parque Estadual do Ibitipoca é a unidade de conservação mais visitada no Estado de Minas, o segundo melhor parque do país e terceiro da América Latina pelo traveller's Choices 2013 do site de viagens TripAdvisor (IEF, 2013). Assim, não é de surpreender a numerosa quantidade de atrativos naturais que envolvem tantos turistas todos os anos. Há riachos, cachoeiras, piscinas naturais, grutas e passagens subterrâneas. Dentre as cachoeiras, podemos citar como as principais a Cachoeira da Pedra Quadrada, Cachoeira dos Macacos, Cachoeira das Fadas e Cachoeirinha.

Já as piscinas naturais, as mais visitadas são: Lago das Miragens, Lago dos Espelhos e Lago Negro. Há ainda outros locais propícios para banho, como a Prainha (Fig. 18), atração mais próxima da área de apoio ao turista (restaurante, centros e etc), sendo assim um local muito procurado, em especial nos fim de semanas, tendo em vista seu fácil acesso.

Figura 18 – Prainha em uma manhã de sábado.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Outros pontos de destaque merecem ser citados aqui. O Paredão de Santo Antônio fica acima do Lago das Miragens e possui dois mirantes. De cima deste atrativo pode-se avistar a Ponte de Pedra, o Pico do Pião, Prainha, o restaurante, o curso do Rio do Salto dentro da unidade e serras do entorno do Parque Estadual do Ibitipoca.

Por se encontrar numa região de solo desenvolvido a partir de rochas quartzíticas, a unidade apresenta formações típicas desse tipo de terreno, como pontes naturais, cavernas, cavidades naturais e cânions de paredes verticais (GUIA DE TURISMO ECOLÓGICO DO PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA, 2008, p16), como é o caso do Paredão de Santo Antônio (Fig. 19) e a Ponte de Pedra, uma cavidade natural moldada pela força das águas ao longo do tempo.

Ainda compõem os atrativos do Parque a Lombada e o Cruzeiro, já mencionados anteriormente, o pico do Pião e a Janela do Céu, o atrativo mais longe dos equipamentos de apoio do turista e campista e também mais visitado da unidade, de acordo com funcionários do Centro de Visitantes.

Figura 19 – Paredão de Santo Antônio.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

O Parque Estadual do Ibitipoca abriga muitas grutas de grande importância espeleológica, sendo que 20 delas são reconhecidas pela Sociedade Brasileira de Espeleologia. Algumas apresentam grandes extensões, como a dos Fugitivos (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 52). Cita-se como as mais visitadas a Gruta dos Coelhos, da Cruz, dos Fugitivos, Pião, Viajantes e dos Três Arcos.

2.3.2. Relevo e Geologia

O Parque Estadual do Ibitipoca está situado em um relevo com altitudes médias de 1500m, caracterizado por constituir um contraforte da Serra da Mantiqueira, apresentando, em sua maior parte, como topografia acidentada com colinas de topo convexo, tendo como o ponto mais alto da localidade, a Lombada (Fig. 20) (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 50).

Figura 20 – Topografia de Conceição de Ibitipoca/MG - Lombada.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

De grande destaque na paisagem da UC, temos o atrativo turístico Paredão de Santo Antônio, que corresponde a uma escarpa anticlinal (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 50), isto é, uma dobra convexa na direção dos extratos mais recentes do solo. Morfologicamente, o local se insere em um planalto cristalino rebaixado.

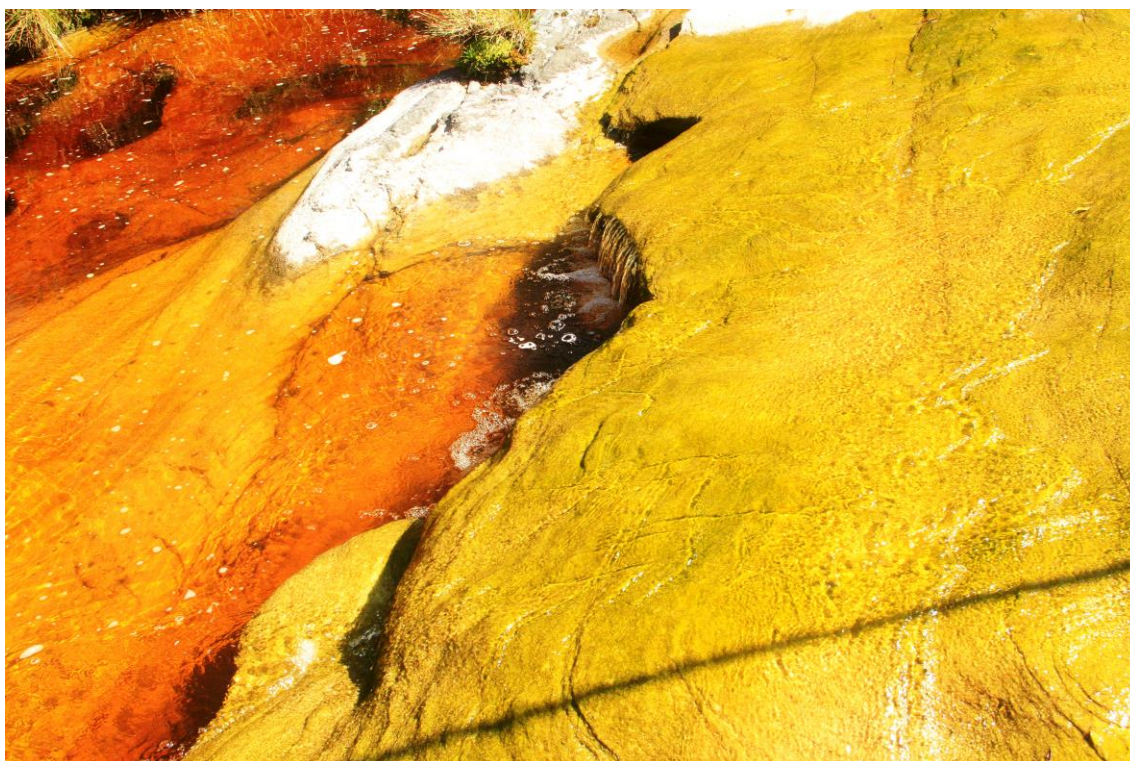
O quartzito é a principal rocha que compõe o relevo do Parque Estadual do Ibitipoca e seu principal mineral é o quartzo. O Paredão, mencionado anteriormente, foi formado por alterações na estrutura desta rocha, assim como a atração Ponte de Pedra e grutas. Com o intemperismo, o quartzito se desagrega, dando origem a uma fina camada de areia e, posteriormente com o depósito de matéria orgânica, forma-se o solo. Ressalto que estas informações foram adquiridas durante visita realizada em dezembro de 2016 ao Centro de Visitantes da unidade. Portanto, se trata de um solo raso, ou seja, pouco desenvolvido, sendo assim, mais suscetível ao processo de erosão.

O nome Ibitipoca pode ter sido originado destas formações, uma vez que o nome, derivado da língua indígena, significa “casa de pedra” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 20) em decorrência da elevada quantidade de grutas na Serra.

Vale ressaltar que outras fontes afirmam que a denominação traz outra interpretação: “montanha partida ou serra fendida” (SMP & B, 1994, p. 14), em alusão ao Paredão de Santo Antônio e outras formações rochosas.

No território do Parque estão localizadas algumas nascentes do Rio do Salto, que corta a unidade. Também cortam a UC, o Rio Vermelho, o córrego do Pilar e ribeirões da Conceição e da Bandeira. Estas também foram informações adquiridas no Centro de Visitantes durante visita citada anteriormente. Um aspecto bem característico de suas águas é a coloração, que possui tons que variam do laranja ao marrom (Fig 21). Creston (2014) afirma que são “tonalidades resultantes da decomposição de matéria orgânica vegetal que é carregada para os cursos d’água, tornando-os ligeiramente ácidos e pouco favoráveis aos peixes” (CRESTON, 2014, p. 45).

Figura 21 – Tonalidade da água do Parque Estadual do Ibitipoca



Fonte: Acervo da autora, 2016.

3.2.3. Fauna e Flora

Por estar situado junto à Mantiqueira em altitudes médias de 1500 m, predomina um tipo de vegetação denominada como Campos de Altitude ou Campos Rupestres (Fig. 22). Tendo em vista a composição do relevo da área de solos rasos,

isto é, pouco desenvolvidos, associado ao clima e altitude da região, cria-se condições para o surgimento de grande número de espécies endêmicas, característica desse tipo de vegetação.

Figura 22 - Campos Rupestres no Parque Estadual do Ibitipoca



Fonte: Acervo da autora, 2016

De acordo com o Guia de Turismo Ecológico do Parque Estadual do Ibitipoca (2008), a unidade tem seu território ocupado por campos rupestres (50%), floresta de candeias (16%), floresta nebulosa ou de grotas (19%), floresta ambófila densa (12%) e o restante por campos encharcados, cerrado de altitude e campos de pastagens.

Outro aspecto característico do Parque é a grande ocorrência de espécies epífitas, isto é, plantas que se fixam sobre outros vegetais e rochas. Podem ser citadas como espécies ocorrentes no local as bromélias, orquídeas, pteridófitas e cactáceas, “sendo que a importância do Parque para a conservação da diversidade dos líquens é reconhecida internacionalmente” (GUIA DE TURISMO ECOLÓGICO DO PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA, 2008, p. 19). Entre estas epífitas, encontram-se algumas endêmicas. A ocorrência deste tipo de flora constitui um importante aspecto ambiental, uma vez que é habitat para espécies de insetos e anfíbios.

Em visita mencionada anteriormente ao Centro de Visitantes, fui informada de que foram registradas 39 espécies de anfíbios, com destaque para a espécie *Hyla ibitipoca*, uma perereca identificada pela primeira vez no local. Também são conhecidas 18 espécies de répteis, incluindo serpentes peçonhentas, como cascavel e jararaca, além da rara, mas não peçonhenta *Echivanthera cephalostriata*. Em relação às aves, foram identificadas 74 espécies. Vale menção ao Andorinhão, que utiliza grutas como abrigos para criação de ninhos, o que nos leva novamente a importância da formação do relevo bem característico do Parque para a ocorrência de uma fauna bem rica e diversificada. Há ainda 40 espécies de mamíferos na unidade de conservação, algumas em extinção, incluindo onças pardas, o macaco bugio e lobo-guará, símbolo do distrito de Conceição de Ibitipoca e do Parque.

3. Turismo e mudanças em Conceição de Ibitipoca/MG

Este capítulo visa abordar os efeitos que a atividade turística trouxe para Conceição de Ibitipoca, em especial àqueles referentes às esferas socioculturais e econômicas. As informações e dados a seguir foram obtidos a partir de consultas a fontes secundárias, conversas com os moradores da localidade e entrevistas com certos indivíduos da comunidade.

O histórico do distrito vislumbra dois períodos de auge econômico distintos: o ciclo do ouro, que apesar de breve foi importante para a formação identitária da localidade, e a época atual, resultante do capital gerado pelo turismo na vila. Com a abertura do Parque Estadual do Ibitipoca em 1973, a localidade que até então se encontrava semi-isolada presenciou rápidos reflexos na esfera cultural, ambiental e econômica. Isso se deu devido ao aumento da atividade turística, em especial nas últimas três décadas.

Urry (2001) afirma que o fator de escolha do destino do turista se baseia na expectativa do viajante, em especial ao valor de autenticidade, ou seja, aquilo que distingue o local escolhido do de origem. No distrito, a procura se dá por causa de diversos motivos. A riqueza ambiental, por exemplo, pode ser considerada um grande atrativo. Todos os entrevistados acreditam que o turismo acontece principalmente por causa da existência do Parque Estadual do Ibitipoca. A área florestal atrai milhares de turistas todo ano devido à suas características. O Parque contém tanto paisagens formadas pelos cânions moldados pela ação milenar da água, como campos rupestres que abrigam espécies endêmicas. Há ainda o fator físico, aquele relacionado à saúde e esportes, que Lehmann e Netto (2012) pontuam como razão de preferência na escolha do destino turístico, visto também na unidade de conservação. A beleza natural da localidade se expande para fora do Parque também, como nascer e por do sol tão prestigiados pelos turistas (Fig. 23).

Figura 23 – Nascer do Sol em Conceição de Ibitipoca/MG



Fonte: Acervo da autora, 2015

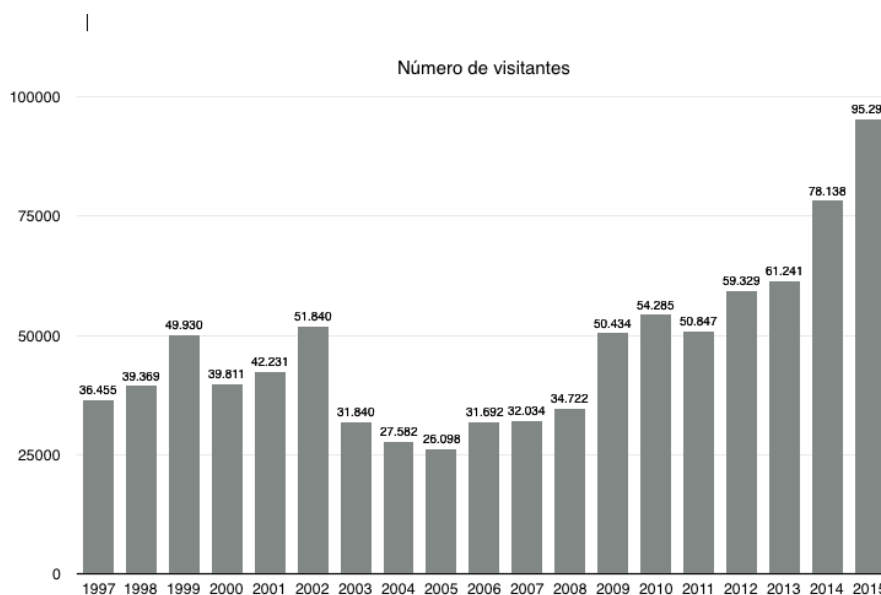
Outros fatores que atraem os visitantes são “o clima frio de montanha, o aconchego e tranquilidade, a energia do lugar, seu misticismo, a cultura local” (CRESTON, 2014, p. 77). Estes aspectos são atributos do distrito que confirmam seu caráter único e reforçam a teoria de que de fato a escolha do destino turístico deriva da expectativa do viajante de viver e experimentar aquilo que difere de seu cotidiano.

Como já mencionado, a criação do Parque Estadual de Ibitipoca deu início a um processo, pelo qual parte da população vizinha ao território da UC se mudou para o arraial e vendeu suas terras aos recém-chegados, o que acarretou o banimento de certas tradições. Por outro lado, tal mudança gerou condições necessárias à sobrevivência. A qualidade de vida melhorou com a chegada de serviços e infraestrutura básica. Vale ressaltar que as atividades proibidas, como coleta de macela ou utilização da área como pasto para criações de gado, são imprescindíveis para a preservação do local sob o ponto de vista ambiental. Algumas práticas religiosas também foram coibidas em um primeiro momento, mas atualmente existem membros da administração da unidade que defendem o retorno

destas⁸. É possível que proibição inicial tenha ocorrido como tentativa de dissolver a imagem sacra do arraial, para assim, reforçar ideais voltados à conservação ambiental.

Conceição de Ibitipoca atua como suporte para a crescente quantidade de turistas que chegam à localidade. Podemos comprovar o aumento neste número por meio de dados levantados mensalmente e anualmente pelo Parque Estadual do Ibitipoca referentes à visitação na unidade de conservação (Fig. 24, 25 e 26).

Figura 24 – Número anual de visitantes no Parque Estadual do Ibitipoca.



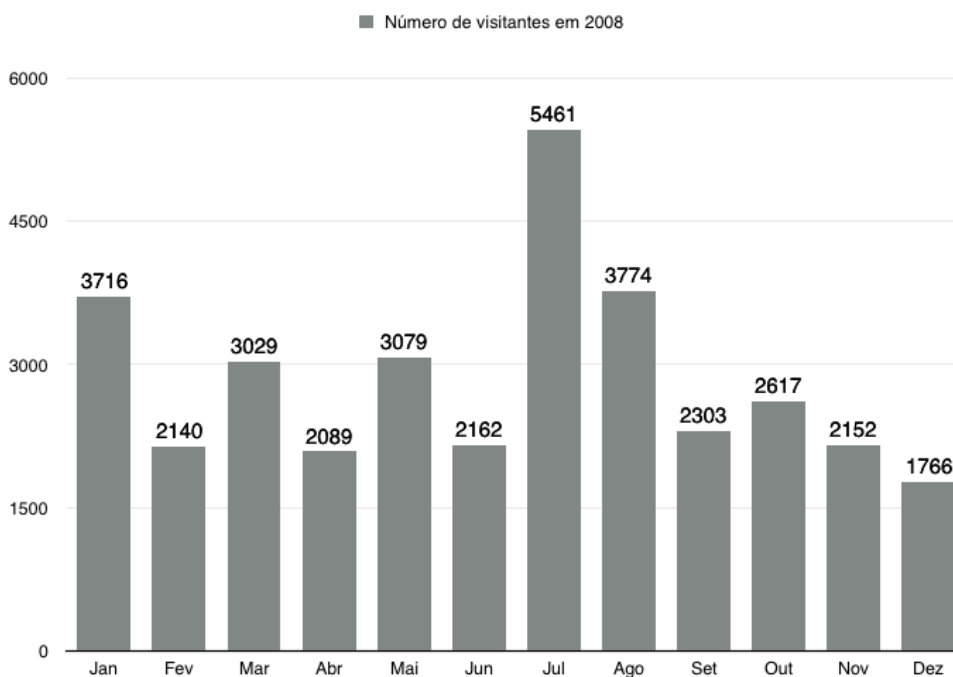
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Percebemos que ocorreu um aumento de quase 60 mil visitantes anuais em comparação ao o ano em que as informações começaram a ser coletadas mensalmente (2008). Ao analisar outros números fornecidos pelo IEF, estes referentes ao fluxo mensal de turistas, podemos tirar algumas conclusões. Anteriormente, no ano de 2008, o período de maior visitação compreendia o mês de julho. É possível destacar que nesta época do ano, os atrativos de Ibitipoca passam a incluir, pelo inverno, também o clima de montanha e aconchego descritos, além de envolver férias escolares. No ano de 2015, isto mudou, de acordo com as informações cedidas pelo diretor do Parque Estadual do Ibitipoca, João Carlos de Oliveira. Vemos que o período de maior fluxo passou a ser Janeiro, também época de recesso escolar. Os atrativos deste mês são outros, como o lazer nos cursos

⁸ OLIVEIRA, João Carlos. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia].

d'água, impossibilitados durante o inverno em decorrência da temperatura da água. João Carlos de Oliveira relata que estes números mensais dependem do clima⁹. Um ano que apresenta mais chuvas no verão contribui para queda da visitação em Janeiro. Porém, quando se tem poucos dias de precipitação, o número de visitantes sobe. Em 2008, o segundo mês com maior visitação foi Agosto. Isso se dá em decorrência dos eventos que ocorrem nesse mês todo ano. Março também apresentou alto índice de turistas, por contar com a Semana Santa. Feriado de maior visitação no distrito. Em 2015, o segundo e terceiro mês de maior fluxo foram Julho e Abril consecutivamente. Neste ano, a Semana Santa ocorreu em Abril, o que explica o número alto de turistas no período.

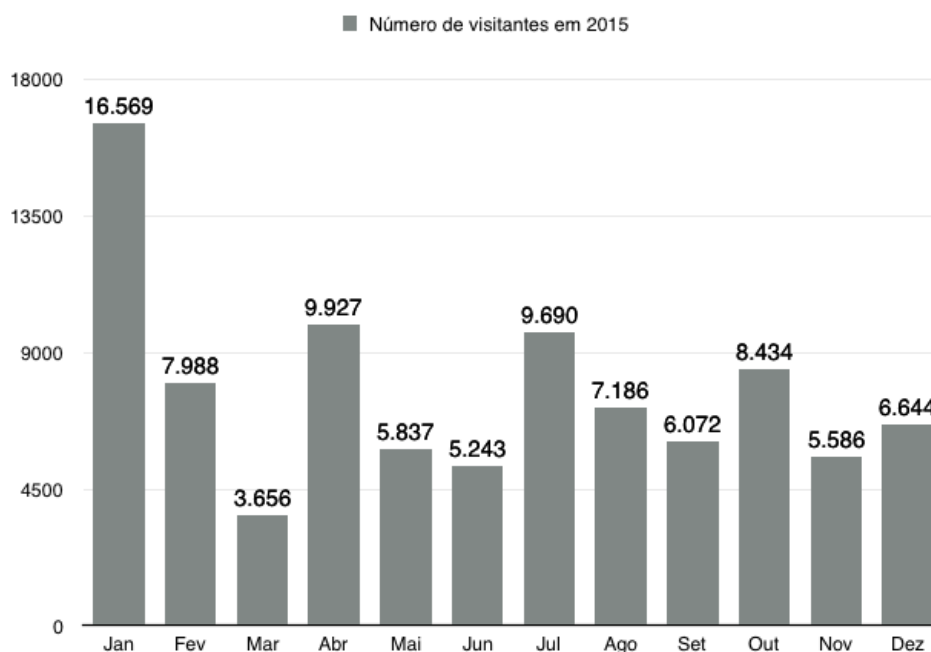
Figura 25 – Número mensal de visitantes em 2008.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

⁹ OLIVEIRA, João Carlos. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia].

Figura 26 – Número mensal de visitantes em 2015.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Como mencionado anteriormente, Janeiro, quando com pouca chuva, compreende um mês em que a unidade recebe grande fluxo de turistas. A unidade possui estacionamento pago e de capacidade limitada. Em dias de pico, apenas os primeiros visitantes conseguem estacionar o carro dentro do local. É necessário, portanto, parar o veículo na única via de acesso ao Parque Estadual do Ibitipoca, o que provoca engarrafamentos. Além disso, em determinados pontos da estrada, esta situação impossibilita a passagem de dois veículos (Fig. 27). Diante do crescente número de turistas, apesar da boa qualidade da via, vemos que esta já não comporta o crescente fluxo de pessoas.

Diante da mudança do modelo econômico agropecuário pelo da economia turística, grande parte dos trabalhadores rurais da localidade agora se dedica à construção civil, devido à expansão da vila frente à demanda crescente de espaço para acomodar o turista. A popularidade do lugar como destino turístico teve, como uma de suas consequências, o surgimento de especulação imobiliária no distrito. José Góes afirmou durante entrevista que acredita que esta não teve sucesso em Conceição de Ibitipoca por pressão tanto do IEF, como da própria comunidade¹⁰. Mas relatou, também, que a própria população local fomenta esta atividade. Desse modo, é contraditório afirmar que não há especulação no local. O que reforça esta

¹⁰ GOÉS, José. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2017. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice B desta monografia].

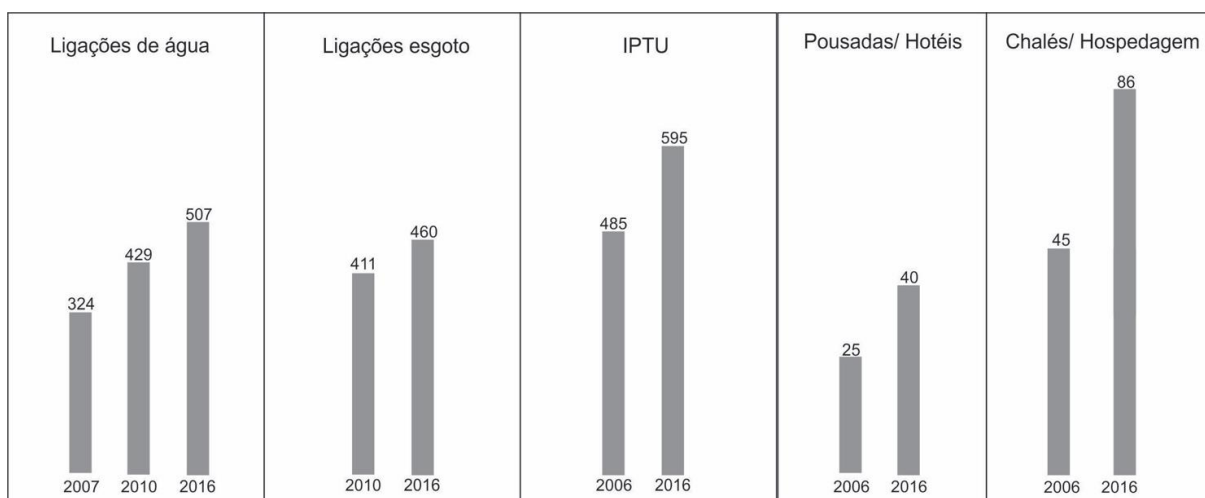
afirmação foi a medida de uma promotora ligada à Prefeitura de Lima Duarte em meados de 2014, que ordenava embargar todas as obras até que a situação fosse normalizada. Dados fornecidos pela Secretaria de Administração demonstram o aumento no número de construções no arraial na última década.

Figura 27 – Engarrafamento na estrada de acesso ao Parque Estadual do Ibitipoca.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Figura 28 – Aumento do número de construções em Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

De acordo com o gráfico acima, é possível concluir que na última década o número de construções no distrito quase dobrou. Atualmente, é verificado um número de imóveis que contribuem com o IPTU superior ao número de ligações de água, o que significa que nem todas as edificações da vila são assistidas pela rede de abastecimento. O oferecimento de esgoto é ainda inferior, conforme mapas da Lei de Uso e Ocupação do Solo em anexo A e B.

Vemos, também, o não cumprimento da Lei de Uso e Ocupação do Solo, elaborada em 2001, junto ao Plano Diretor da localidade. Conforme anexo C, observamos que se procurou organizar o solo através do controle das atividades por zonas, protegendo a área histórica da vila. Também foram definidos três estacionamentos, a fim de restringir o número de veículos em certas áreas do distrito. O dispositivo prevê, além disso, normas que visam coibir a descaracterização da paisagem, como manutenção da tipologia arquitetônica de tijolo aparente e telhas cerâmicas. Porém, foi observado o não cumprimento desta legislação com novas edificações que surgem sem ordenação, apresentando tipologia que é estranha à Conceição de Ibitipoca, prejudicando a leitura da paisagem. A população local comumente substitui os antigos materiais por industriais mais acessíveis financeiramente, mas que, geralmente, não possuem as mesmas qualidades construtivas dos anteriores.

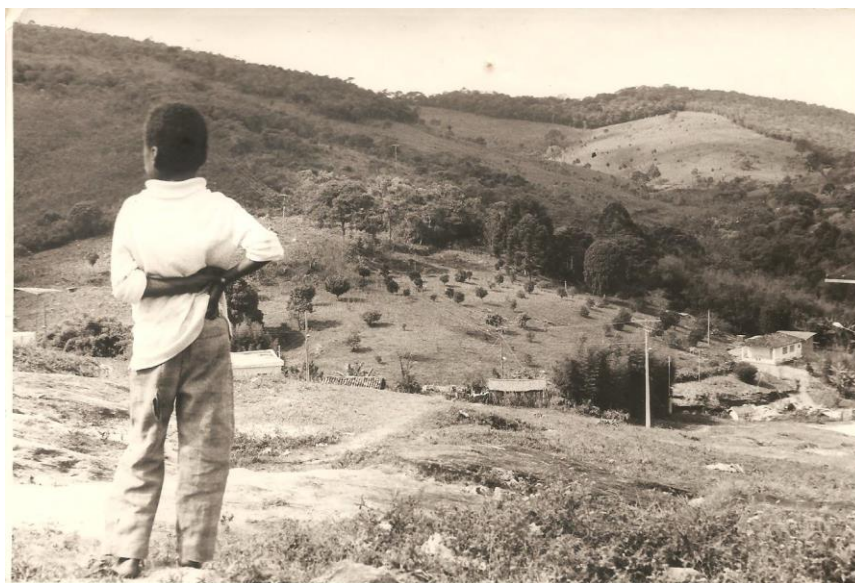
Figura 29- Descaracterização em Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Bedim (2008) disserta sobre “cenarização” da vila (faltou apresentar o conceito formalmente). Pousadas e casas de segunda residência no arraial são predominantemente construídas com tijolo aparente e telha de barro em estilo colonial. A mudança na paisagem de Conceição de Ibitipoca fica ainda mais clara quando comparamos fotos tiradas de mesmo ângulo em décadas passadas com as da atualidade (Fig. 30 a 47).

Figura 30 – Conceição de Ibitipoca/MG no final da década de 1970.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Pires, 2016.

Figura 31 – Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 32 – Conceição de Ibitipoca no início da década de 1990.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Pires, 2016.

Figura 33 – Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 34 – Conceição de Ibitipoca/MG na década de 1980.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Pires, 2016.

Figura 35 – Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 36 – Conceição de Ibitipoca na década de 1980.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Pires, 2016.

Figura 37 – Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 38 – Conceição de Ibitipoca/MG na década de 1980.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Pires, 2016.

Figura 39 – Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 40 – Conceição de Ibitipoca/MG na década de 1980.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Pires, 2016.

Figura 41 – Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 42 – Matriz de Conceição de Ibitipoca/MG na década de 1980.



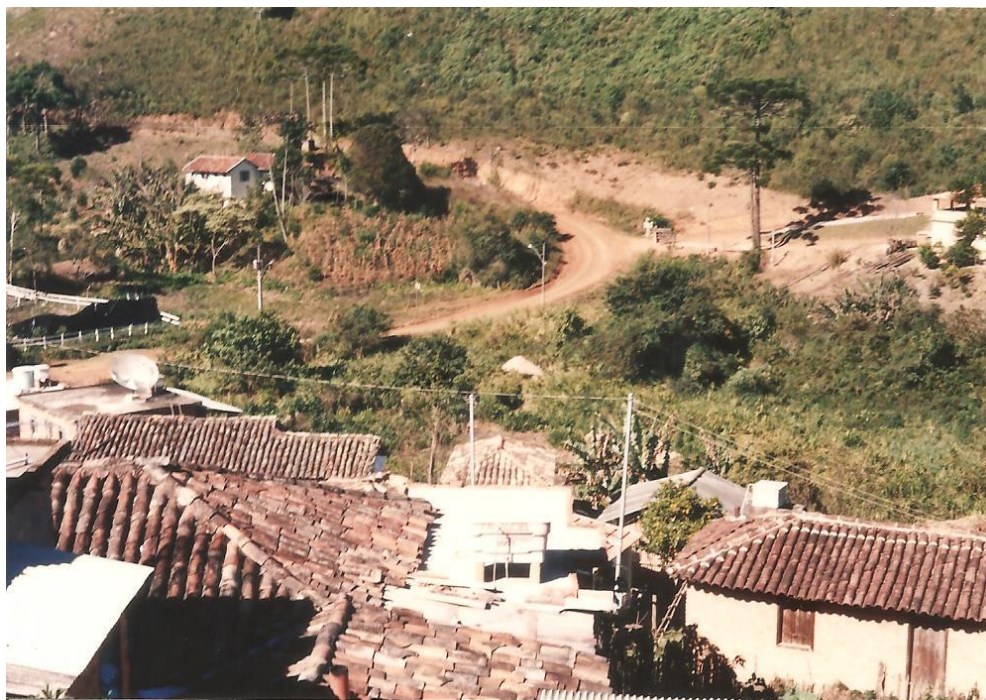
Fonte: Acervo pessoal de Milton Botrel, 2016.

Figura 43 – Matriz de Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 44 – Conceição de Ibitipoca/MG no início da década de 1990.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Pires, 2016.

Figura 45 – Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Figura 46 – Entrada de Conceição de Ibitipoca/MG no início da década de 2000.



Fonte: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000.

Figura 47 – Entrada de Conceição de Ibitipoca/MG no ano de 2016.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Conforme as figuras apresentadas nas páginas anteriores, podemos observar algumas alterações relevantes. De modo geral, há mais verde no arraial. Isso pode ser explicado pelas mudanças aplicadas ao Código Florestal ao longo das últimas

quatro décadas, assim como maior fiscalização por parte do IEF. Há também maior conscientização por parte da própria comunidade. O calçamento instalado em maior parte da vila, também caracteriza um outro tipo de transformação. Alguns trechos de Conceição de Ibitipoca ainda preservam as marcas dos séculos passados, mas vemos também descaracterizações como mencionado anteriormente. Antônio Barra confirma esta observação quando relata que “muito se perdeu na parte arquitetônica. Infelizmente, a parte econômica fala mais alto e as pessoas não se importam com a arquitetura”¹¹. Foram observados, também, terrenos nas zonas de uso misto com metragem inferior à estabelecida, inclusive alguns à venda. Este dado revela a falta de preocupação por parte de uma parcela da comunidade em não preservar a leitura da paisagem, assim como a falta de respeito pela legislação de uso e ocupação do solo.

Figura 48 – Recorte da Lei de Uso e Ocupação do Solo de Conceição de Ibitipoca/MG.

| ZONAS | TAMANHO MÍNIMO DO LOTE (M ²) | TAXA DE OCUPAÇÃO (%) | COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO |
|-------------------------------|--|----------------------|-------------------------------|
| Zona Histórica | 360 | 50 | 1,0 |
| Zona de Uso Misto I | 360 | 50 | 1,0 |
| Zona de Uso Misto II | 360 | 50 | 1,5 |
| Zona de Atividades econômicas | 450 | 60 | 1,2 |

Fonte: Adaptado de FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000.

Em relação às tradições da vila, muitas se perderam ao longo dos anos. O espaço é moldado pela ação dos indivíduos que o compõem. Quando há introdução de novas pessoas de outro contexto social, ocorre a absorção de novos costumes por parte da população local. Isto significa alterações não só na vida cotidiana dos moradores, mas também no que se refere à antigos costumes e tradições. Isto ocorre em Conceição de Ibitipoca, em consequência do turismo. Esta atividade pode ser utilizada como recurso para preservação do patrimônio local e da memória do distrito. Mas devido à falta de regulamentos e maior conhecimento dos diversos atores que atuam no espaço passa, apesar de forma mais branda, a desmanchar os aspectos autênticos locais.

¹¹ BARRA, Antônio. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, jan. 2017. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice C desta monografia].

Foi relatado por fontes orais que diversas manifestações religiosas se perderam, como a procissão da Semana Santa, Encenação da Paixão de Cristo. Antônio Barra conta que “hoje as pessoas da comunidade se esqueceram das tradições e festas religiosas”¹². Joao Carlos de Oliveira relata que a manifestação religiosa da Reza do Terço (Fig. 50) estava praticamente morta, tendo em vista que apenas os mais velhos ainda mostravam o desejo de continuar realizando-a, mas não estavam aptos a enfrentar a caminhada de mais de 5 km até o Cruzeiro. A saída encontrada foi disponibilizar jipes que vão buscar estas pessoas no arraial e as levam até o ponto onde é realizada a Reza. Nesta última década, a atividade voltou a atrair jovens e turistas religiosos¹³.

Figura 49 – Reza do Terço no ano de 2016.



Fonte: PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA, 2016.

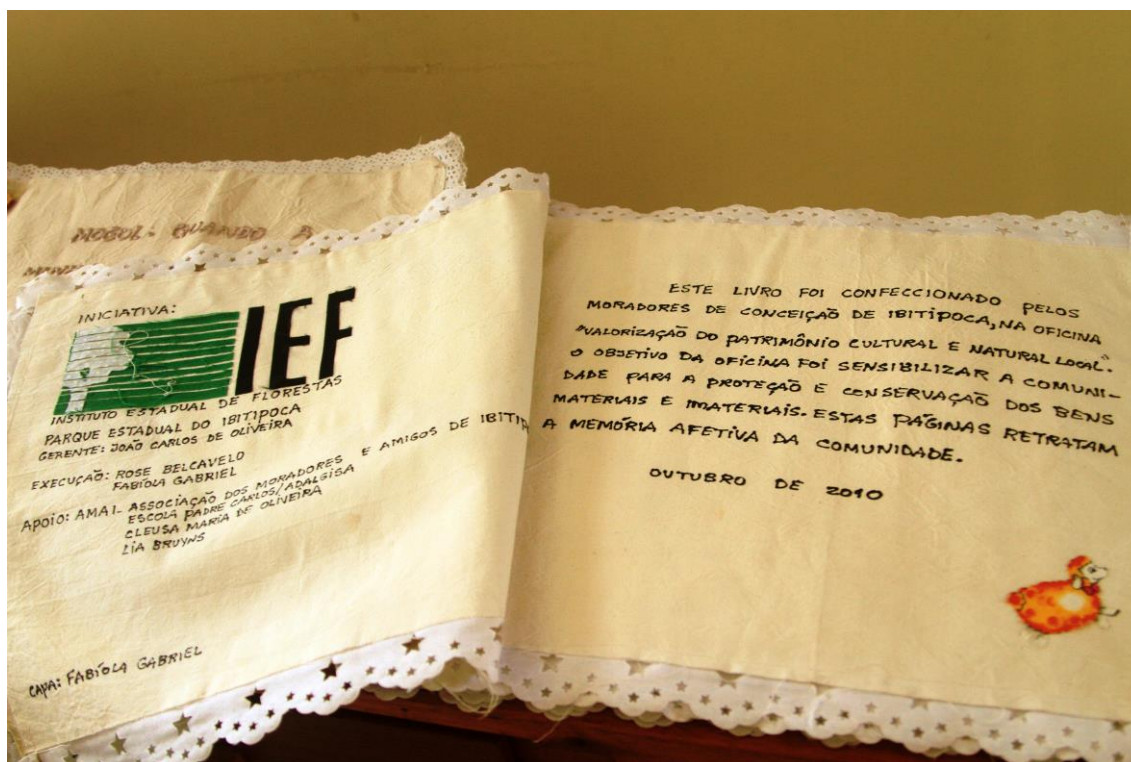
Durante a atividade, é incluída uma refeição com comidas típicas de região, como a paçoca de pilão. Esta receita era servida antigamente nesta mesma manifestação religiosa.

Projetos como este de educação ambiental e resgate cultural representam uma iniciativa de perspectiva socioambiental. As principais atividades são registradas em cadernos artesanais produzidos pelos próprios participantes, chamados “Livros de Pano”.

¹² BARRA, Antônio. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, jan. 2017. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice C desta monografia].

¹³ OLIVEIRA, João Carlos. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia].

Figura 50 – Caderno de Pano de projeto de valorização do patrimônio cultural e natural local.



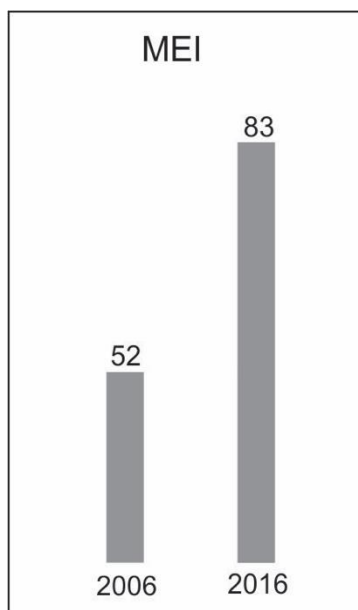
Fonte: Acervo da autora, 2017.

Em relação aos reflexos na esfera econômica do lugar, foi observado que, com o aumento da importância turística da localidade, também tornou-se crescente o número de pessoas atraídas pelo distrito, o que acarretou interesse de forasteiros em montar negócios no lugar. O maior conhecimento técnico destas pessoas, além do maior poder aquisitivo, em comparação com a população local, freou o desenvolvimento da comunidade nestas atividades. Porém, esta situação já apresenta mudanças nas últimas duas décadas, como conta Antônio Barra: “É mais de fora. Mas também tem muita gente daqui. Tem aumentado o número de nativos empreendendo. Tem gente que já consegue abrir a própria pousada, por exemplo. E tem muita gente que vende o pão de canela, né? Pessoas que não tem uma loja, mas vendem coisas em casa”¹⁴. José Góes também contribui para esta constatação. Ele relata que “os jovens se mudam para estudar, mas acabam

¹⁴ BARRA, Antônio. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, jan. 2017. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice C desta monografia].

retornando” ¹⁵. O dado referente ao número de MEI’s (microempreendedor individual) fornecido pela Secretaria de Administração confirma esta observação.

Figura 51 – MEI em Conceição de Ibitipoca/MG.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Figura 52 – Comércio em Conceição de Ibitipoca/MG



Fonte: Acervo da autora, 2017.

¹⁵ GOES, José. Entrevista concedida a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Entrevista encontra-se transcrita no apêndice B desta monografia].

Os turistas se tornaram cada vez mais críticas em relação à oferta de serviços. O mercado local, portanto, sofreu com pressão exercida pela atividade turística. Há uma necessidade por parte dos comerciantes e empresários de se adequar aos desejos do viajante. Isto acarreta melhoria de serviço, como é visto no distrito, mas ao mesmo tempo, é possível sugerir que a ânsia em satisfazer o visitante resulta na incorporação de elementos globais pelo repertório local, como bares e restaurantes que reproduzem atmosfera estrangeira ou perda de antigos ofícios, como o tear, que são substituídos nas lojas da localidade por artesanatos industrializados.

Ao mesmo tempo em que existem inúmeras consequências negativas, é de consenso geral que a atividade turística trouxe o tão sonhado desenvolvimento para a localidade. José Walter, morador há mais 60 anos no arraial e cuja família habitava Ibitipoca há ainda mais tempo, relata dos problemas e pobreza do local durante conversa quando menciona de aspectos característicos de empobrecimento de uma localidade:

Aqui era uma pobreza enorme. A gente via muita gente pobre sair daqui para tentar vender alguma coisa em Lima Duarte. E a pé! Daqui até Lima Duarte. Para você ter noção de 1949 até 1974 foram construídas 12 casas. E desmanchava uma para construir outro. E eu ajudei a barrear muitas casas. A comunidade se unia para construir as casas do arraial. E aqui ainda era aquele silêncio. Em 1960 que juntou acho que 12 fazendeiros e colocaram a luzinha elétrica aqui. Colocou um motor de sete cavalos só para iluminar a igreja e casa de alguns. Melhorou a vida porque trouxe dinheiro, o turismo trouxe dinheiro. (WALTER, 2016, p. 19) ¹⁶.

¹⁶ WALTER, José. Depoimento concedido a Clara Marques em Conceição de Ibitipoca/MG, nov. 2016. [Depoimento encontra-se transcrito no apêndice D desta monografia].

Conclusão

Diante do avanço do turismo em Conceição de Ibitipoca/MG, foco deste estudo, observou-se que a localidade, nas décadas recentes, passou por diversas modificações nas esferas arquitetônica, cultural, econômica e ambiental. A atividade trouxe tanto efeitos positivos quanto negativos para o distrito.

Através do estudo realizado foi constatado que, por parte da comunidade, a identidade coletiva não apresentou resistência necessária para a manutenção da cultura local frente ao avanço do turismo e todos os elementos correlatos trazidos. Ocorreu a assimilação dos costumes dos forasteiros e o abandono de tradições com rápido cambio cultural. Diversos fatores justificam a absorção destes novos valores. Diante da crescente dependência da atividade turística pela população local, a nova dinâmica social tendeu a envolver cada vez mais a comunidade nesta cadeia produtiva, subtraindo tempo e energia que antes eram direcionados às manifestações culturais tradicionais, por exemplo. A perda de valência e relativa despreocupação com a manutenção do patrimônio material e imaterial por parte da comunidade, também podem ser justificadas pela falta de conhecimento desta. Isto expressa que o fenômeno turístico em Conceição de Ibitipoca se deu mais rapidamente que o desenvolvimento social e educacional da população, em especial no que diz respeito a gestão do turismo e de suas consequências. O maior beneficiário, em tese, desta atividade, o morador, parece não perceber que se não houver maior controle e planejamento adequados, os próprios aspectos que garantem a autenticidade do distrito, e portanto, o tornam desejável turisticamente, irão acabar. Ou seja, a perda cultural resulta na perda da memória coletiva.

Ficou destacado, ainda, que a descaracterização arquitetônica contribuiu para esta perda acelerada de identidade local, sendo observada a interrupção na leitura da paisagem com tipologias que não condizem com a localidade. A especulação imobiliária com o expressivo aumento venal dos imóveis, edificados ou não, e a frágil fiscalização das autoridades, agravam este cenário e pressionam o não cumprimento da Lei de Uso e Ocupação do Solo do distrito. A consequência é um crescimento desordenado e prejudicial ao coletivo social.

A despeito de que a chegada de serviços e infraestrutura, imprescindíveis a sobrevivência do lugar e da atividade turística, expressem uma qualidade de vida superior àquela anterior a criação do Parque Estadual do Ibitipoca, é claro que ainda são necessárias muitas melhorias nas diversas políticas setoriais. Outro aspecto positivo a se destacar, foi o aumento aparente de áreas verdes e vegetação no distrito. Também foram relatadas melhorias na distribuição dos ganhos econômicos com a cadeia econômica turística, porém, em nosso entendimento, esta atividade na localidade ainda não é conduzida de maneira sustentável. Porém, é de entendimento da autora que o turismo, se tratado de modo consciente, pode ser uma ferramenta para a manutenção do patrimônio e, conseqüentemente, da identidade coletiva do distrito. É necessário, para tanto, que se invista na criação de propostas que visem diversificar a economia, o que possibilitaria a diminuição da dependência com o turismo. Também é fundamental a formulação de mais projetos educacionais e de incentivos culturais, como os já realizados na Unidade de Conservação, que, por sua vez, também podem e devem ser ampliados.

Assim diante do exposto, propõe-se para a próxima etapa deste trabalho, o aprofundamento desta discussão com vistas a nortear a criação de políticas e equipamentos que propiciem o resgate e manutenção da identidade coletiva local e dos elementos que tornam o distrito autêntico e singular, em especial sua arquitetura. A criação de espaços públicos de convívio, que enalteçam a rica cultura de Conceição de Ibitipoca, poderá representar uma possibilidade de constituição da coletividade.

Bibliografia

BEDIM, Bruno P. **O processo de intervenção social do turismo na serra de Ibitipoca (MG):** simultâneo e desigual, dilema camponês no “paraíso do capital”. 2008. 410 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. Belo Horizonte, 2008.

BRASIL. Lei nº 6126, de 05 de julho de 1973. **Cria Os Parques Florestais de Ibitipoca e da Jaíba, nos Municípios de Lima Duarte e Manga.** Belo Horizonte, 1973.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A.,1999.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio.** 3. ed. Tradução de Teresa Castro. Machado. Lisboa: Edições 70,1999.

CONSELHO DELIBERATIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE LIMA DUARTE. **Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.** Lima Duarte: Prefeitura de Lima Duarte, 1997.

CONSELHO DELIBERATIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE LIMA DUARTE. **Capela de Nossa Senhora do Rosário.** Lima Duarte: Prefeitura de Lima Duarte, 1998.

CRESTON, Helena Tuler. **Turismo e Preservação em Ibitipoca/MG:** olhares diversos. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano Diretor de Organização Territorial e Desenvolvimento do Turismo em Conceição de Ibitipoca.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

ICOMOS BRASIL. **Carta de Burra**: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. 1980. Disponível em: <http://www.icomos.org.br/002_001.html> Acesso em: 20 de setembro de 2016.

LACERDA, Norma; ZANCHETTI, Sílvio Mendes (Org.). **Plano de Gestão de conservação urbana: conceitos e métodos**. Olinda: Centro de Estudos de Conservação Avançada (CECI), 2012.

LIMA DUARTE. **Câmara Municipal. Código de obras: lei nº 582, de 1977**. Lima Duarte: Prefeitura Municipal de Lima Duarte, 1977.

LIMA DUARTE. **Lei Municipal nº 1584, de 2010: zona de expansão urbana do Distrito de Conceição de Ibitipoca**. Lima Duarte: Prefeitura Municipal de Lima Duarte, 2010.

LIMA DUARTE. **Lei Municipal nº 1.155, de 2001: organização da ocupação e uso do solo do distrito de Conceição de Ibitipoca**. Lima Duarte: Prefeitura Municipal de Lima Duarte, 2001.

LOHMANN, Guilherme; NETTO, Alexandre Panosso. **Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2012.

MINAS GERAIS. Instituto Estadual de Florestas. **Guia do Turismo Ecológico do Parque Estadual do Ibitipoca**. Belo Horizonte: Horizonte, 2008.

MINAS GERAIS. Instituto Estadual de Florestas. **Parque Estadual do Ibitipoca**. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/component/content/192?task=view>. Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

MINAS GERAIS. Instituto Estadual de Florestas. **Parque Estadual do Ibitipoca é considerado o 3º melhor parque da América Latina**. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/noticias/1/1572-parque-estadual-do-ibitipoca-e-considerado-3o-melhor-parque-da-america-latina>. Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

MORAIS, Gabriela de. **Arquitetura popular no interior de Minas e sua função social na contemporaneidade**. 2013. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth (Org.). **Urbanismo Ecológico**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

PAKMAN, Elbio. ANTUR, 11., 2014, Fortaleza. **Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à História do Pensamento Único**. Fortaleza: UECE, 2014. 21 p.

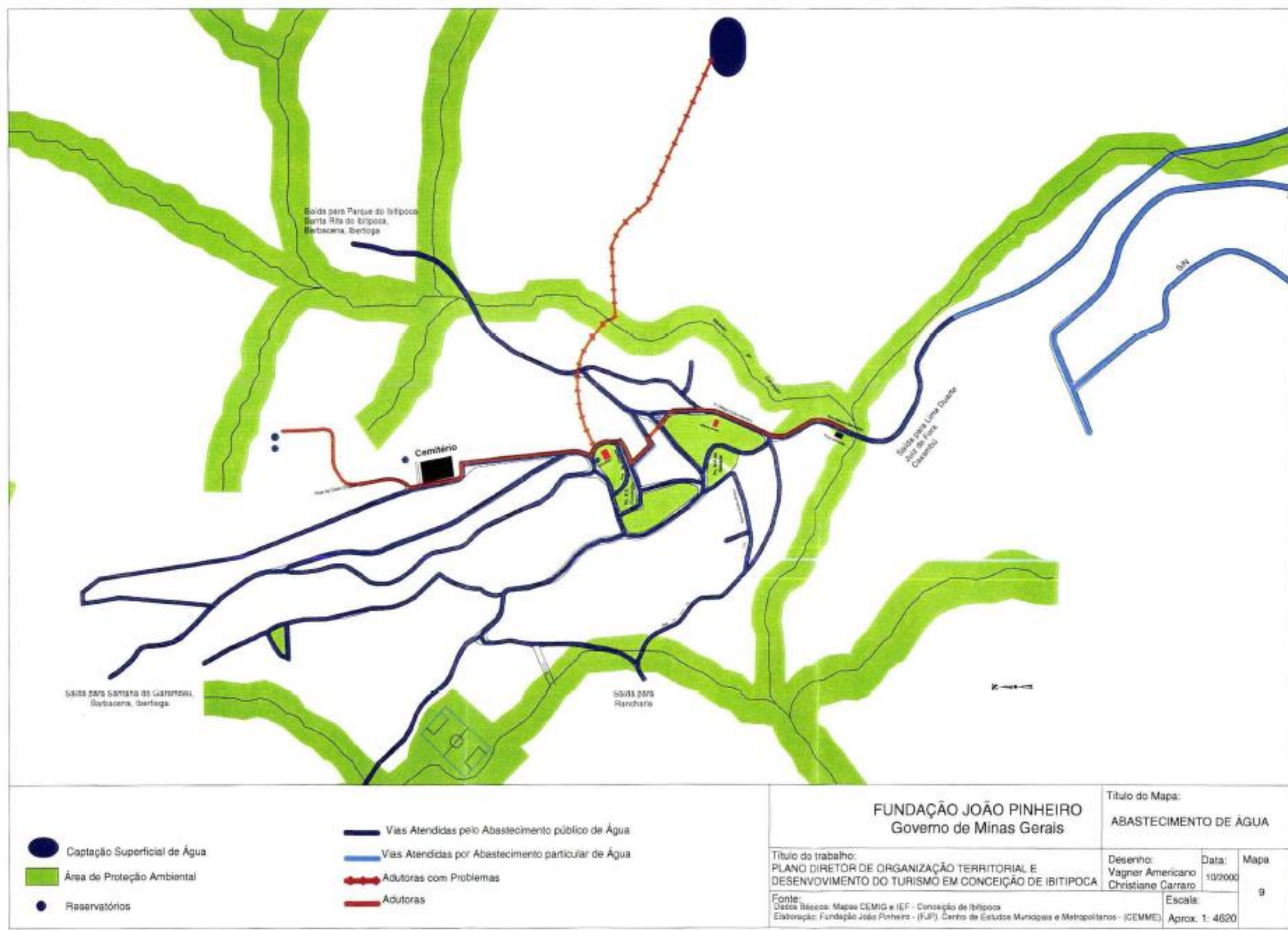
ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822**. COLOCAR EDIÇÃO. Trad. rev. e prefácio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed.da Universidade de São Paulo, 1974.

SMP & B. **Ibitipoca: a beleza mora na serra**. Belo Horizonte: SMP & B, 1994.

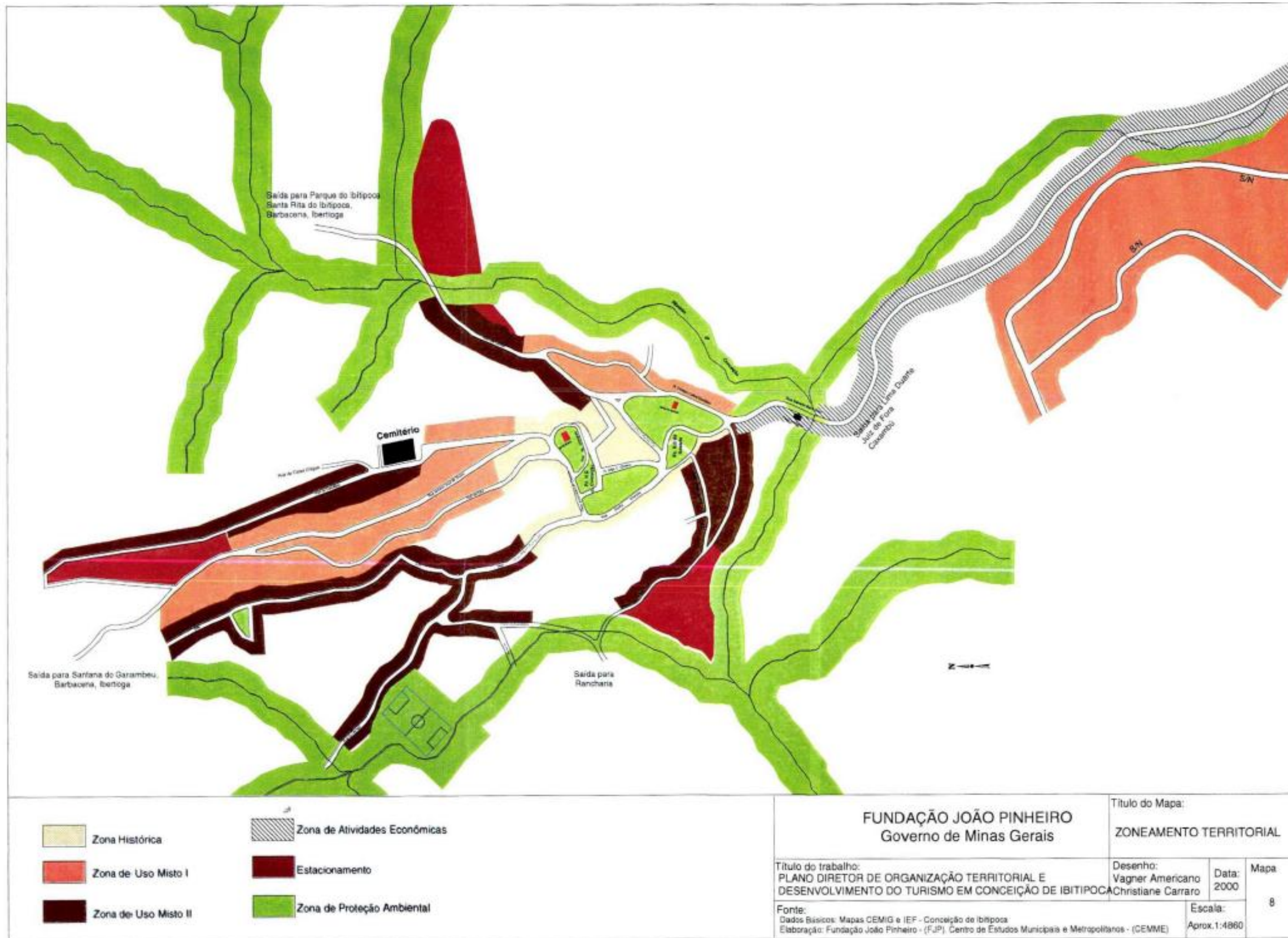
URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3. ed. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

ANEXO A - MAPA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA



Fonte: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 289.

ANEXO C – MAPA DE ZONEAMENTO TERRITORIAL



Fonte: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p. 256

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM JOÃO CARLOS LIMA DE OLIVEIRA

Entrevista concebida a Clara Marques, autora desta monografia, no dia 15 de novembro de 2016 no Parque Estadual do Ibitipoca em Conceição de Ibitipoca/MG.

Nome: João Carlos Lima de Oliveira

Naturalidade: Rio de Janeiro

Idade: 55 anos

Grau de escolaridade/formação: Ensino Superior Completo/ Biólogo

Profissão/ocupação: Diretor do Parque Estadual do Ibitipoca

Entrevistador: Onde você reside? Você reside em Ibitipoca mesmo?

Entrevistado: Minha residência mesmo é em Juiz de Fora. Mas tenho uma casa aqui dentro do Parque.

Entrevistador: Entendi. E quanto tempo você está aqui na direção do Parque.

Entrevistado: 12 anos.

Entrevistador: E como é para entrar no cargo, é concurso ou o IEF...

Entrevistado: É. No estado é concurso, né? Mas não concurso para gerente. Este é um cargo de confiança da diretoria. A diretoria que nomeia os gerentes das unidades.

Entrevistador: Ah sim. E as atividades do cargo? Como funciona a gestão daqui do Parque?

Entrevistado: O gerente é quase que um faz tudo. Aqui no Parque ainda tenho um privilégio de ter uma equipe um pouco maior. Mas, por exemplo, você pega uma unidade de conservação que só tá o gerente e um funcionário, o gerente é um faz tudo. Ele tem que ser um pouco mecânico, um pouco carregador de água, água na peneira, né? Ele tem que fazer de tudo. Quer dizer, ele tem que gerir a unidade, trazer para a comunidade a importância da unidade, gerir ela no todo.

Entrevistador: E essa questão da comunidade, como vocês trabalham com ela aqui em Ibitipoca?

Entrevistado: Aqui a gente trabalha mais com a parte de educação ambiental. Nós começamos a fazer um trabalho há um tempo atrás, mais coordenado pela Rose, de resgate da tradição e cultura, comunidade-parque. Então, a gente trabalha pra

que a cultura, os hábitos culturais da comunidade não se perca. Aqui em Ibitipoca, você sabe muito bem disso, com esse fluxo muito grande de pessoas de outros estados, a comunidade passou a dar mais importância a cultura do pessoal de fora do que a própria cultura.

Entrevistador: É. E no meu trabalho de conclusão de curso, eu quero abordar isso, a perda do patrimônio. Material, né? Mas também imaterial, que é exatamente esse ponto, a questão cultural.

Entrevistado: Exatamente. Você vê, depois você pode conversar com a Rose, algumas coisas que tentamos resgatar e que conseguimos. Por exemplo, a Reza no Cruzeiro. Quando eu vim pra cá, já estava, assim, uma coisa quase que morta. Porque as pessoas vão ficando mais velhas, as pessoas já não tem mais aquele pique de subir até o Cruzeiro. O que eu fiz? Comecei a colocar veículos para buscar as pessoas no arraial e levar até o Cruzeiro, né? E hoje a gente nota que as pessoas mais velhas continuam indo, mas muitas pessoas novas também estão indo. Então, é uma coisa que se o Parque não se meter mais, não se perde. Os jovens já pegaram isso como hábito, de fazer a reza, então já andando, que é muito importante.

Entrevistador: Sim, muito,

Entrevistado: E resgatando outras coisas. O tear, por exemplo. Que é uma pena a gente não conseguir voltar com ele pra cá. Nós temos até um aqui todo de madeira antigo que ganhamos. A nossa ideia é em um determinado momento montar esse tear, trazer as pessoas daqui e ensinar os mais jovens para que eles ganhem dinheiro também com o tear. É aquele negócio, por exemplo, se a pessoa tem um tear lá fora e chega um turista e quer fazer um porta copo de whisky, a pessoa vai fazer e aquilo vai ter um preço. E a cultura continua.

Entrevistador: A gente vê uma coisa em Ibitipoca, que é até muito comum em cidades turísticas, que é o artesanato que não é artesanal, né?

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: É industrial. Você vai numa loja, na outra você encontra os mesmos produtos vendendo. E eu já vi muito turista falando disso aqui em Ibitipoca.

Entrevistado: Aqui em Ibitipoca, pelo que levantamos, só temos o tear. Não temos artesanato feito com palha de milho, por exemplo, uma coisa que seja realmente daqui. Temos o tear e está quase se perdendo. Ainda tem pessoas antigas que mexem com o tear e acredito que, se existem pessoas mais jovens, são pouquíssimos. Então, um pouco do trabalho de educação seria isso. Não deixar

essas coisas morrerem. E a comunidade participa no Conselho Construtivo do Parque através da associação, a AMAI, o Sindicato de Trabalhadores Rurais, Produtores Rurais.

Entrevistadora: E como vocês lidam com Lima Duarte? Por exemplo, em relação à dependência política? Vocês são independentes?

Entrevistado: Somos independentes. O Estado que administra aqui. Lógico que temos que ter uma política de boa vizinhança com a prefeitura, afinal de contas, é autoridade máxima por aqui. E nosso relacionamento é um relacionamento bom. Dentro do possível, a prefeitura nos ajuda. Ela ajuda com funcionários, a gente precisa de algum material e às vezes estamos sem recurso, aí a gente recorre à prefeitura. Existe um trabalho de parceria junto à prefeitura.

Entrevistadora: E qual você acha que seria a maior dificuldade que você tem aqui na gestão do Parque?

Entrevistado: Nossa, tem um monte. Acho que a principal é que a comunidade vê o Parque, não todos, né? Não são todos que pensam assim. Mas vê como uma galinha de ovos de ouro. Se o Parque fechar, a vila fecha. Mas eles não alimentam, não jogam milho para a galinha. Ela tem que ser alimentada. Então, existe um cobrança muito grande de que o Parque tem que solucionar todos os problemas. Eu costumo dizer, por exemplo, que se faltar água ou luz na vila, a culpa é do Parque. Então existe esse problema muito grande. E não pode ser assim, o Parque tem que ser parceiro da comunidade e a comunidade também tem que ser parceira da unidade de conservação. E isso tem muito pouco, você vê muito pouco. A grande maioria do comércio ou comércio maior de Ibitipoca são de pessoas de fora, então o dinheiro não fica aqui. Não existe um investimento, não só dinheiro, mas de compromisso com o Parque e com a vila. É uma dificuldade muito grande que temos aqui. Em relação à administração da unidade, não existe tanta dificuldade. O Parque já está bem estabelecido. Temos uma equipe, mesmo agora, de um pessoal comprometido com o Parque, um pessoal da vila que é compromissado com o Parque. Não é porque o gerente que às vezes tem que viajar que a unidade tem que parar. De modo algum. Então, no geral, aqui dentro seria isso. Lógico que o Estado poderia investir mais, afinal de contas, é um patrimônio público. O Estado tem por obrigação, já que ele administra a unidade, investir mais. Fazer mais manutenção dentro da unidade.

Entrevistadora: Com certeza. E acontece que a gente vê o turismo em Ibitipoca como predatório. A própria comunidade alimenta essa atividade, já que ela tá tão

dependente dessa atividade. Acontece uma apropriação do local sem maior compromisso.

Entrevistado: Não é um turismo cultural, não é um ecoturismo...

Entrevistadora: A gente vê a população vendendo lote de 150 m² para gente fora. E temos lei de uso e ocupação aqui que diz que o mínimo é de 400 m² na área urbana.

Entrevistado: Isso mesmo, com certeza. E é o que eu falo, a partir do momento que a comunidade vê a sua importância dentro da sua sociedade, com suas tradições, porque isso é importante, eu acredito que eles vão dar mais importância.

Entrevistadora: É, porque uma hora isso vai acabar se não tomar cuidado. Porque o turista vem por causa do caráter único do arraial e isso acaba, como você mantém a visitação?

Entrevistado: Ai vai pra Campos do Jordão, pra praia...

Entrevistadora: Pois é. E a população é extremamente dependente.

Entrevistado: Ah com certeza. Se não for 100%, está bem próximo.

Entrevistadora: Vocês fazem alguma publicidade do Parque?

Entrevistado: Temos. A gente tem, não é bem uma publicidade, é uma divulgação. A gente tem uma página no Facebook, um boletim eletrônico que sai de 3 em 3 meses. O Parque não precisa de uma divulgação para receber turistas. O parque por si e as pessoas que vem aqui já fazem isso.

Entrevistadora: E as pessoas daqui de Ibitipoca e Lima Duarte frequentam o Parque?

Entrevistado: Frequentam. E muito. Porque as pessoas daqui da região, não só Ibitipoca, mas de outras comunidades em volta do Parque, tem isenção de ingresso de terça a sexta. Segunda o Parque fica fechado, né? Então tem uma procura grande. Fim de semana é muito difícil eles virem até por causa do turismo, né? Eles estão trabalhando.

Entrevistadora: Aqueles dados que você me passou antes, sobre o número de visitantes, datas e tal. Eu fiquei com algumas dúvidas e queria conversar com você. Por exemplo, em 2008, quando vocês passam a realizar os levantamentos mensais, certo? Eu vi que o maior período de visitação era Julho, aí Agosto e, então, Janeiro. Julho e Janeiro seriam pelas férias. Agosto mais pelos eventos realizados aqui, como o IbitiBlues. E em 2015, o mês de maior visitação foi Janeiro, com número de visitação bem maior que Julho ou qualquer outro mês. E aí, depois, Abril, por causa da Semana Santa.

Entrevistado: Sim. O que acontece, essa época, dezembro, janeiro, se chove muito, nós temos uma queda. Nós tivemos um verão que nós tivemos só 10 dias de chuva e teve um outro que tivemos menos de 10 dias de sol. Então, se chove muito pouco, temos muitos visitantes. Então, este que, se não me engano, foram 15 mil visitantes...

Entrevistadora: Acho que foram até mais.

Entrevistado: Então, depende mesmo é do tempo. Se chove menos, temos mais visitação. Olha, 2015 tivemos 16 569 mil. 2013 temos 5 mil. Com certeza, se levantar os dados meteorológicos, choveu muito.

Entrevistadora: Então depende mais do clima?

Entrevistado: É. E de eventos. Por exemplo, durante a Copa, tivemos muita visitação.

Entrevistadora: É. Outra coisa, hoje em dia, temos, mais ou menos, 50 mil visitantes a mais anualmente do que em 2000. E aí uma coisa que reparei foi que os anos de 2003 a 2007 os números são bem menores em relação a outros anos. Foi alguma política que vocês realizaram para diminuir a visitação?

Entrevistado: Não, não. Começou obras no Parque em 2004, então a visitação teve que ser limitada. Foi quando nós fechamos o Camping. O Parque passou por obras na década de 80, depois no começo da década de 90 e depois veio ter obra agora, em 2004, terminou em 2007. O certo é você fechar a unidade quando tem obra, por segurança do visitante. E eu encabecei um grupo aqui dentro para, exatamente, não fechar a unidade. A gente manteve a unidade aberta para não prejudicar a economia local. O grupo tinha que tomar um cuidado a mais com os visitantes. Por exemplo, teve obra aqui (centro de visitantes) e então eu mantinha um funcionário aqui para direcionar os visitantes, avisar que tava tendo obra e tal. Então, apenas limitamos os visitantes, não fechamos o Parque, né? Para não atrapalhar a economia local.

Entrevistadora: E como vocês conciliam a quantidade de visitantes com questões de preservação ambiental? Por exemplo, tem alguma área que é fechada a visitação...

Entrevistado: Tem, tem. Se você pegar o plano de manejo do Parque, a grande maioria do Parque é fechada a visitação. Hoje, o turista tem acesso a menos de 10% do Parque. É muito pouco. E de uma forma ou outra, o homem, o impacto do homem, está presente. De uma forma ou outra ele está fazendo uma degradação ambiental, com o pisoteio, por exemplo. A gente tenta minimizar o máximo possível.

Deu um processo erosivo, então vamos lá, vamos fazer uma contenção, um trabalho, para esse processo frear ou, de preferência, voltar ao que era antes.

Entrevistadora: Entendi. E você acredita que o turismo em Ibitipoca tem relação exclusiva com o Parque? Por exemplo, você acha que o turista vem pra cá só porque tem o Parque aqui ou você acredita que a vila tem um potencial...

Entrevistado: A vila tem, mas não aproveita. Então, se você fechar o Parque, o turista não vem. Às vezes o turista vem pra Ibitipoca pelo nome Parque, às vezes nem vem aqui, mas ele vem pra Ibitipoca por causa dele. Ele sabe que, se quiser, em vez de fazer seu churrasco na casa alugada, ele pode ir ao Parque.

Entrevistadora: E o arraial tem um potencial turístico pelo seu centro histórico, a igreja... Ibitipoca é uma das ocupações mais antigas de Minas.

Entrevistado: Sim. A igreja, um tempo atrás me informaram, é uma das duas únicas em Minas com aquele formato, que o campanário é fora do corpo da Igreja. E não foi usado óleo de baleia. Foi o que me informaram. A restauradora, que estava fazendo o restauro do altar uns anos atrás, uma boliviana ou colombiana, comentou que ficou impressionada de ver uma igreja com tanta riqueza em um lugar tão distante como Ibitipoca. Normalmente, você vê isso em Ouro Preto, Mariana... E ela ficou surpresa. Ibitipoca tem história e não se utiliza isso. Quanto turistas vem para Ibitipoca e não visitam a Igreja?

Entrevistadora: Até porque quase sempre tá fechada, né?

Entrevistado: É, exato. Se perde muito com isso.

Entrevistadora: Em relação à Zona de Amortecimento, como funciona?

Entrevistado: A Zona de Amortecimento é criada nas unidades de conservação para você frear os impactos de fora para dentro. Então, você tem aqui a UC, que é protegida, e você tem um impacto, uma zona mesmo que é pra amortecer. Por exemplo, se você vai construir uma indústria, não pode. Então, você afasta um pouco os impactos negativos que podem atingir a unidade de conservação. Por exemplo, você quer construir, fazer um loteamento urbano, com lotes de 400, 500 m² dentro da zona de amortecimento, não pode. Porque é decretada que é zona rural, então dentro dela seria o lote mínimo de 20 000 m². Toda unidade tem que ter uma zona de amortecimento.

Entrevistadora: E cada zona de amortecimento tem normas próprias para cada unidade ou é geral?

Entrevistado: Não, é para cada unidade de conservação. A lei máxima, o SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) fala que é uma área rural. Mas aí

quem vai regulamentar o uso e ocupação deste solo é a instituição que administra a unidade.

Entrevistadora: No caso é o IEF.

Entrevistado: É.

Entrevistadora: Aí eu consigo ver as normas para esta unidade...

Entrevistado: Nós não temos. Eu não conheço nenhuma unidade de conservação com nenhuma norma ou legislação específica para zona de amortecimento no Brasil. Nós começamos a fazer isso dentro do nosso Conselho Construtivo, começamos um grupo de trabalho e fizemos algumas propostas. Mandamos para Belo Horizonte, mas não saiu. A nossa ideia é que como a lei fala que é o órgão gestor que vai fazer a normatização desse uso e ocupação desta área, nós queremos fazer o contrário. Nós queremos que a gente, do Conselho Construtivo que é composto de vários segmentos, faça a normatização. Nosso Conselho está sendo reformulado neste final de ano e minha ideia é que logo na primeira reunião, já formar outro grupo, aproveitar esse material, que é bom, e jogar outra proposta, mais embasada, para Belo Horizonte, para o IEF.

Entrevistadora: É, porque fica ainda mais difícil de fiscalizar.

Entrevistado: Exato. Porque atualmente, o que se pode fazer na zona de amortecimento é praticamente a mesma coisa que pode fazer fora.

Entrevistadora: E qual você acha que é a maior reivindicação da população local ao poder público municipal?

Entrevistado: Eles cobram muito a questão da estrada para a prefeitura. Eu acho que não é a questão de ser asfaltada ou calçada, mas sim de ter o acesso 365 dias no ano. Saber que o ônibus vai subir ou não, chovendo ou não chovendo.

Entrevistadora: É. Ontem (14 de novembro de 2016) o ônibus não subiu.

Entrevistado: Para ter acesso 365 dias no ano, ela não precisa ter asfalto, só precisa estar bem cuidada. Acredito que esta seja a maior reivindicação. Existem outras menores, né? Como abastecimento de água, que é muito falho. Acontecem picos de energia, as vezes a gente fica sem luz.

Entrevistadora: Quais são as principais mudanças que você viu no perfil do turista ao longo desses anos?

Entrevistado: O turista, hoje, é um turista mais bem informado, principalmente informações sobre unidades de conservação. Sabe os cuidados, o que pode e o que não pode fazer, para que a unidade de conservação serve. Isso a gente tem notado que o turista é mais consciente.

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM JUÇARA SANTOS FARIA DE GÓES/ JOSÉ ROBERTO DE GÓES

Entrevista concebida a Clara Marques, autora desta monografia, no dia 21 de novembro de 2016 no distrito de Conceição de Ibitipoca/MG com o casal que trabalha no setor turístico da localidade a cerca de 30 anos.

Nome: Juçara Santos Faria de Góes - José Roberto de Góes

Naturalidade: Além Paraíba/MG – Rio de Janeiro/RJ

Idade: 59 - 62

Grau de escolaridade/formação: Ambos com Ensino Superior completo com formação em jornalismo

Profissão/ocupação: Empresários/ Comerciantes

Entrevistador: Qual foi o motivo da mudança para Ibitipoca?

Entrevistado: [José] A história é longa. Eu era um carioca daqueles que conheço até hoje, que queria sair todo fim de semana do Rio de Janeiro, ou Horrível de Janeiro, porque já na minha época, 40 anos atrás já era uma neura. Eu não queria aquilo pra mim. Meu pai teve casas de fim de semana em Teresópolis, Friburgo, Itaipava, um sítio em Areal e eu adorava quando íamos pra lá. Desde criança eu gostava mais de ficar fora do Rio de Janeiro do que dentro. Minha mãe também me levava nas férias para o sul de Minas. Aí é que eu ficava mais maravilhado ainda. Eu adorava aquela "mineiridade", aquela terra gostosa e hospitaleira. Quando eu voltado para o Rio eu ficava triste, não gostava. Quando eu tinha 20 anos, numa dessas viagens de férias, conheci a Juçara lá em Além Paraíba e começamos a namorar. Ela estudava comunicação na UFJF, o que me fez começar a frequentar Juiz de Fora e fazer o vestibular pra lá também. Sempre tive interesse nessa área de Jornalismo, Letras e Literatura. Tínhamos uns amigos no curso que sempre falavam de uma tal de Ibitipoca. No início eu nem sabia falar direito o nome. Viemos aqui a primeira vez em julho de 1977, acampamos no lago dos Espelhos.

Entrevistador: Tinha virado parque havia pouco tempo, né?

Entrevistado: [Juçara] Virou parque em 1973. Ainda não tinha estrutura de parque, não tinha portaria. Eram várias porteiras, igual porteira de fazenda. Tinha lugar que você entrava dentro da água com o carro, até chegar ali na prainha. A gente já andou de carro até o Cruzeiro e até os Três Arcos, depois continuávamos a pé.

Entrevistado: [José] A Tia Elzira foi com a gente. Uma senhora daqui que foi uma das pioneiras a servir alimentação, mas não era nada comercial. O pessoal daqui recebia a gente tão bem, era muito legal, tanto pra eles quanto pra nós. Pra eles era uma coisa nova receber gente aqui.

Entrevistador: O isolamento que a vila se encontrava antes do Parque acabou que foi bom em alguns aspectos, não é? A qualidade de vida era ruim, não tinha estrutura de serviços, mas preservou a natureza e a cultura.

Entrevistado: [José] Sim, Claro. Ibitipoca é muito diferente de outros lugares que foram descaracterizados depois que o turismo chegou, mesmo com todo o impacto que inevitavelmente é gerado com a chegada do turismo, mas não só dele, também da tecnologia, dos tempos mesmo. Hoje em dia é impossível as pessoas ficarem isoladas como há 50, 100 anos.

Entrevistador: Concluindo então o assunto da mudança. Pra morar de vez aqui, vocês vieram quando?

Entrevistado: [José] Já faz 25 anos. Foi quando a nossa filha ficou adulta e foi pro Rio, fazendo o meu caminho inverso. (risos). Aí olhei pra Juçara e falei: - não temos mais nada pra fazer em Juiz de Fora.

Entrevistador: Quais mudanças vocês repararam no setor turístico e no perfil do turista?

Entrevistado: [Juçara] São muitas mudanças.

Entrevistado: [José] Ficou mais profissional, né. Antes era muito amador.

Entrevistado: [Juçara] O primeiro investimento de turismo de Ibitipoca fomos nós que fizemos, com um amigo nosso que se chamava Guaçuí, já falecido. Investimos com ele num apoio para turistas. Sabíamos que seria para médio prazo, 20 anos, isso em 78. Não tinha água, energia elétrica, por isso até que não foi adiante o projeto. Pessoas começaram a servir um café da manhã, alugar um quarto da própria casa pra pessoas que vinham aqui, que ficavam sabendo por boca a boca, não tinha nenhuma divulgação. A estrada era uma trilha.

Entrevistado: [José] É interessante que a gente fazia muita amizade já subindo. São Paulo, Rio, Juiz de Fora... e era legal porque um tinha que ajudar o carro da frente senão não passava, aí já ficava a amizade.

Entrevistado: [Juçara] E até hoje a estrada está desse jeito, né?

Entrevistador: Com a abertura do Parque, chegou o turismo e ele cresceu muito nos últimos anos. Agora, vocês acham que ele melhorou ou piorou? Vocês já estavam aqui quando a AMAI foi criada. Como ela atuou neste processo?

Entrevistado: [José] O primeiro ato da associação de moradores que nós fundamos, foi proibir a pessoa acampar em qualquer lugar. Antes se acampava em qualquer espaço disponível, em frente à Igreja, por exemplo. Não pode deixar o turista chegar e apropriar assim do espaço, sem nenhum regulamento. Entao, respondendo a sua pergunta, o turismo melhorou ou piorou? Eu acho que melhorou muito a qualidade do turismo. Não só por dinheiro, poder aquisitivo, to falando por causa de mentalidade, de cultura, de visão de mundo. Hoje o ecoturismo está realmente estabelecido.

Entrevistador: Voces acham então que esta caminhando para um turismo sustentável pleno?

Entrevistado: [José] EU acho que já esta sustentável há muito tempo. E vai caminhar para um turismo sustentável pleno.

Entrevistador: A especulação imobiliária chegou ao arraial, que é um grande problema.

Entrevistado: [José] Mas não obtiveram sucesso, exatamente pela fiscalização tanto do ief, a zona de amortecimento, e também o ministério publico. Outra coisa interessante: em qualquer lugar por ai que tenha fauna exuberante, você ve gente traficando animais silvestres. Aqui, não só eu, você, nós que somos esclarecidos denunciemos. Uma vez chamaram a policia florestal porque tinha uma Kombi disfarçada capturando passarinhos e levando pro Rio. Isso é completamente impossível hoje em dia. A população local denuncia. Pra você ver como é diferente. Num raio de 20km, Ibitipoca esta completamente blindada. Eu até me incluo nesse mérito. A gente fez muita campanha de conscientização com a população, principalmente nessas questões de educação ambiental. Já fomos muito atuantes. A nossa mensagem era a seguinte: “se não houver conservação do meio ambiente e arquitetônica, aquilo que os turistas vem ver aqui, vai acabar”. A questão da autoestima da população eu também acho muito interessante. Antigamente, todos iam embora porque Ibitipoca era um fim de mundo que não ia dar em nada. Hoje em dia não. Os jovens se vão embora de Ibitipoca, eles vão estudar e voltam. Ou pra fazerem o próprio negocio, ou para um bom emprego, porque existe oferta. Não tem miséria, não tem mendigo. Hoje as pessoas tem muito orgulho em dizer que são de Ibitipoca. A gente vê um período de caos e que está passando ou passou. Mas a

gente vê sim pessoas daqui, nativos, formentando a especulação imobiliária, que no meu ver não vem de fora. Acho injusto falar que a especulação chegou, porque é quem tá aqui que cria isso, formenta, na verdade.

Entrevistador: Em relação ao turista. Qual é o lugar de origem que vocês veem com frequência?

Entrevistado: [Juçara] Juiz de Fora ainda. Mas vem muita gente de Rio de Janeiro e São Paulo, que, inclusive, era de onde mais vinha gente quando conhecemos Ibitipoca há 40 anos. Eles e os de Juiz de Fora e Barbacena, né? E agora no Rio que a gente tem ido mais vezes por causa da nossa filha, te falo que 95% das vezes que falei que era daqui, a pessoa conhecia o nome.

Entrevistador: Qual o período de maior visitação?

Entrevistado: [José] Tem mudado. Antigamente, Ibitipoca era só fim de semana prolongado por feriado. Hoje em dia, os finais de semana comuns tem muito movimento também, principalmente pelo pessoal periférico, Barbacena, Juiz de fora, né.

Entrevistador: Você acredita que o turismo tem uma relação exclusiva com o parque?

Entrevistado: [José] Não. Já teve um pouco. A minha paixão por Ibitipoca foi muito pela vila. Aquela coisa de rústica e até antropológica também, aquela coisa de bater papo com a dona Tunica na cozinha dela, tomar um cafezinho, o pão de canela da dona fulana e etc... O parque é muito lindo, aquela coisa toda, mas não é só ele. Se o parque fechar por algum motivo um dia, Ibitipoca pode continuar tendo turismo porque o entorno tem inúmeros atrativos. Hoje você tem passeios de Jeep, canoagem, são vários roteiros na região toda aqui. O foco, sem dúvidas, é o parque. Mas não é só ele.

Entrevistador: Qual a maior reivindicação da comunidade ao poder público?

Entrevistado: [José] A estrada e a estação de tratamento de esgoto.

Entrevistador: Mas você acha que é explorado? Os turistas no geral não conhecem o atrativo que é a vila mesmo. Ele costuma ficar na casa que alugou durante o dia, ou ir no Parque, e sair para beber e comer a noite.

Entrevistado: [José] Sim, é verdade. Mas está mudando. Tá indo. Tem passeios fora do Parque agora já, feito por várias microempresas nascidas aqui, que é fantástico. E o município inteiro. Não é só o Parque efetivamente. Mas respondendo a pergunta. O Parque é o carro chefe? É. Vem porque conhece o nome, mas o

entorno é riquíssimo e isso aí tá mudando. A Igreja, por exemplo, é celebrada em todo site de turismo que fala de Ibitipoca.

Entrevistado: [Juçara] E as manifestações, pensando na Igreja, muita coisa se perdeu. E não só falando na perda de um patrimônio, mas de um aspecto que poderia ser explorado como turismo religioso ou cultural. Mas a população local não entende isso.

Entrevistado: [José] Exatamente. E você ve os eventos aqui de Ibitipoca. IbitiBlues, IbitiJazz... São fantásticos. Não vejo problema nenhum em ver isso acontecer. Mas e a música regional típica? Por que não um evento com esse tipo de música? É nesse tipo de coisa que a gente tem que pensar.

Entrevistador: Vocês costumam frequentar o parque?

Entrevistado: [José] Só quando vem visita. No nosso terreno tem duas cachoeiras. Mas sempre quando vamos, pensamos: “temos que vir mais”.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM ANTÔNIO VICENTE DE PAULA BARRA

Entrevista realizada no dia 04 de janeiro de 2017 no distrito de Conceição de Ibitipoca/MG com o atual Presidente da AMAI.

Nome: Antônio Vicente de Paula Barra

Naturalidade: Distrito de Conceição de Ibitipoca/MG

Idade: 60

Grau de escolaridade/formação: Fundamental completo

Profissão/ocupação: Porteiro do Parque Estadual do Ibitipoca/ Presidente da AMAI

Entrevistador: Sua família também é daqui?

Entrevistado: Tudo daqui.

Entrevistador: Desde quando?

Entrevistado: Todos nós nascemos aqui. Desde de os meus avós. Eu morei um tempo em Juiz de Fora e um tempo em São José dos Campos, mas voltei pra Ibitipoca.

Entrevistador: Com esses anos todos aqui em Ibitipoca, quais as principais mudanças que você percebeu com o avanço do turismo?

Entrevistado: Principalmente na estrutura. O turismo alavancou o desenvolvimento do lugar. Como isso aqui foi fundado na época do ciclo do ouro, depois que acabou o ouro, acabou o desenvolvimento. Com o turismo esse desenvolvimento voltou. Quer dizer, é um novo ciclo do ouro.

Entrevistador: Quais os impactos do turismo você pôde notar na população? Os hábitos e os costumes mudaram?

Entrevistado: Isso mudou bastante. Hoje as pessoas da comunidade se esqueceram um pouco das tradições, as festas religiosas, na semana santa faziam encenações. Com a chegada do turismo, o pessoal tem que trabalhar. Eles não podem deixar de trabalhar pra ficar fazendo essas coisas, então se perdeu muito.

Entrevistador: Sobre o impacto no patrimônio arquitetônico. Você acha que houve descaracterização da tipologia arquitetônica?

Entrevistado: Perdeu muito. Com o crescimento do turismo, as pessoas começaram a adquirir terrenos e começaram a construir muito. Você vê casas aqui de diversos estilos, isso descaracterizou bastante, apesar de termos o plano diretor

e a lei de uso e ocupação do solo, que proíbem algumas coisas em certos lugares, isso não é respeitado. Acabou que essa parte arquitetônica se perdeu muito. As pessoas não se importaram muito com isso. Infelizmente, a parte econômica fala mais alto.

Entrevistador: Falta fiscalização da prefeitura, né?

Entrevistado: Com certeza. E isso não é um prefeito ou outro. Todos que passaram deixaram pra lá. A omissão foi de todos.

Entrevistador: Você acha que o turismo tem uma relação exclusiva com o parque?

Entrevistado: Tem. A maioria vem por causa do parque sim. É um ou outro que vem por outros motivos, principalmente quando vem pela primeira vez.

Entrevistador: Você acha que o arraial tem potencial turístico independente do parque?

Entrevistado: Tem. Você vê que na região tem vários outros atrativos e tem também essa relação cultural como visitação às igrejas e etc. Se fosse feito um trabalho em cima disso, seria bom que aliviaria um pouco o parque e as pessoas abririam os olhos para esses outros lugares.

Entrevistador: Para você, quais são os aspectos positivos e negativos que o turismo trouxe?

Entrevistado: O positivo é o desenvolvimento da comunidade. Não consigo imaginar, por exemplo, a gente há 30 anos atrás. Se não houvesse o turismo, ibitipoca tinha acabado. Nesse sentido o turismo ajudou muito. Hoje em dia tem várias pousadas de pessoas daqui que conseguiram se sobressair. O lado negativo é que o turismo trouxe muita bagunça, algumas pessoas não respeitam, veio muita droga. Isso é negativo, mas é consequência do progresso. É ruim, mas o progresso traz algumas consequências.

Entrevistador: Essa questão que você disse do pessoal daqui conseguir abrir pousadas. Você acha que tem mais pessoas daqui ou de fora sendo donos dos estabelecimentos comerciais?

Entrevistado: É mais de fora. Mas também tem muita gente daqui. Tem aumentado o número de nativos empreendendo. Tem gente que já consegue abrir a própria pousada, por exemplo. E tem muita gente que vende o pão de canela, né? Pessoas que não tem uma loja, mas vendem coisas em casa.

Entrevistador: Você que morou aqui a vida inteira, o que o pessoal mais antigo daqui fala sobre o turismo?

Entrevistado: O pessoal mais velho não gosta muito, né. Som alto, barulho, muitos carros na rua. Aqui não tem passeio pro pedestre andar, se você der bobeira, o cara te atropela. O pessoal tava acostumado sem movimento, né. As pessoas dizem que Ibitipoca era melhor antigamente, você via aquela areia branquinha na rua, brilhando, as pessoas sentavam no muro da igreja e ficavam batendo papo, a molecada brincando de pique-esconde, é o tipo de coisa que se perdeu, mas não tem jeito, né.

Entrevistador: Sobre a questão da dependência de Lima Duarte. Ibitipoca não tem nenhuma autonomia, né?

Entrevistado: Não. A gente sente muito isso. Ibitipoca tem necessidades diferentes dos outros distritos por causa da questão do turismo. A gente quer o caminhão do lixo com mais frequência, a gente quer médico porque o turista cobra isso da gente, segurança. Eles lá não se movimentam.

Entrevistador: Como as pessoas daqui se organizam para fazer as reivindicações?

Entrevistado: Por meio da AMAI. As pessoas costumam fazer mutirões. Por exemplo, esses dias teve um problema na estrada, a prefeitura não resolveu, o pessoal se juntou e arrumou. As vezes acontece isso. Se a prefeitura não resolve, a população dá um jeito.

Entrevistador: A comunidade participa da AMAI?

Entrevistado: Infelizmente, poucos. A gente passa por uma fase muito difícil. Porque a associação tem que se manter. A gente cobrava uma mensalidade de R\$3 por mês. Quando nós entramos na associação, colocamos planos bimestrais e anuais e reajustamos para R\$5, mas não funciona.

Entrevistador: Vocês participaram da elaboração do plano diretor e da lei de uso e ocupação do solo?

Entrevistado: Nessa época ainda era outra administração na associação, mas a associação participou sim. A população participou também.

Entrevistador: Você costuma vir ao parque para lazer?

Entrevistado: Difícil (risos). Deve ter quase um ano que não passo aqui da portaria.

Entrevistador: O que você sente falta aqui em Ibitipoca?

Entrevistado: Eu sinto falta daquilo, né. O pessoal batendo papo. Me lembro quando chegou a primeira televisão aqui em Ibitipoca. O pessoal se reunia para ver aquilo. Eu sinto falta disso. Era uma comunidade mais unida.

Entrevistador: Você pensa em sair de Ibitipoca?

Entrevistado: Não, não.

Entrevistador: Qual você acredita ser a principal reivindicação da população para a prefeitura?

Entrevistado: Hoje é a estrada. Mas tem outras questões também, como o policiamento, o lixo. Uma coisa também que eu acho que faz muita falta, que é o esgoto. Não dá pra entender. Num lugar que tem um Parque Estadual, o esgoto é jogado num rio. Não dá pra encaixar isso aí. Talvez para muitos isso seja o de menos, mas quem vem, não consegue acreditar. Está matando o córrego.

Entrevistador: Como funciona o posto de saúde aqui?

Entrevistado: Nós temos um posto num local até que muito bom, é grande, espaçoso. Mas nós não temos médico. O médico vem aqui uma vez por semana. Pra adoecer você precisa marcar o dia (risos). Tem uma ambulância, mas tem uma estrada ruim e ela só sai em emergência. A questão também é que ela funciona com voluntários. Teria que ter pelo menos uns dois motoristas que ganhassem pra isso e estivessem à disposição. Um dos motoristas dessa ambulância é um funcionário do parque. Se precisar dele agora, ele não pode sair porque está em horário de trabalho, a não ser que o gerente libere. O outro trabalha na prefeitura. Tinha que ser uma pessoa contratada e que ficasse à disposição, né? Quantas vezes o turista tem problemas aqui, chega no posto de saúde, aí tem lá um atendente mas não pode dar remédio porque não é médico.

Entrevistador: Os funcionários do parque estiveram de greve, né?

Entrevistado: Sim. E estamos quase entrando de novo. Ficaram de pagar até hoje. Se não pagar hoje até o final da tarde o pessoal vai parar. Eles acertaram, mas agora já estão devendo 3 meses de novo. Novembro, dezembro e o décimo terceiro. Nós ficamos 30 dias parados já.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO DE JOSÉ WALTER.

Depoimento concebida a Clara Marques, autora desta monografia, no dia 01 de novembro de 2016 no distrito de Conceição de Ibitipoca/MG com morador no local há cerca de 60 anos.

Nome: José Walter

Naturalidade: -

Idade: 84 anos

Grau de escolaridade/formação: -

Profissão/ocupação: Agricultor aposentado.

[José Walter]: Moro em Ibitipoca desde 19 anos, mas toda a família nasceu e viveu aqui a vida inteira. então considero que nasci aqui. Aqui era uma pobreza enorme. Não existia o parque, existia a Serra Grande. Chegava lá, entrava, não tinha que dar obediência para ninguém. Aí o Estado chegou e tomou conta daquilo ali e montou esse parque. Então, melhorou o aspecto de vida logo. Aqui era uma pobreza enorme. A gente via muita gente pobre sair daqui para tentar vender alguma coisa em Lima Duarte. E a pé! Daqui até Lima Duarte. Para você ter noção de 1949 até 1974 foram construídas 12 casas. E desmanchava uma para construir outro. E eu ajudei a barrear muitas casas. A comunidade se unia para construir as casas do arraial. E aqui ainda era aquele silêncio. Em 1960 que juntou acho que 12 fazendeiros e colocaram a luzinha elétrica aqui. Colocou um motor de sete cavalos só para iluminar a igreja e casa de alguns. Melhorou a vida porque trouxe dinheiro, o turismo trouxe dinheiro. Tem bastante movimento que traz dinheiro e melhores construções. Agora tem muito casarão. E eu ajudei a barrear muitas casas. A comunidade se unia para construir as casas do arraial. Lembro de uma pobre que vivia de lavar roupas para os outros e tinha quatro filhos. Aí fomos todos nós barrear a casa para ela. Agradeceu tanto. Arrumou um frango e fez para a gente pra agradecer. Era barro e capim. Lá na Rua dos Lava-pés. Eu me sinto bem, porque pela pobreza que vi quando cheguei aqui. Não tinha nada.

E aqui ainda era aquele silêncio. Em 1960 que juntou acho que 12 fazendeiros e colocaram a luzinha elétrica aqui. Colocou um motor de sete cavalos só para iluminar a igreja e casa de alguns. Telefone tinha. A gente tinha que andar muito para dar recado para outros porque tinha muito pouco. Mas melhorou muito,

porque agora tem conforto. A gente via muita gente pobre sair daqui para tentar vender alguma coisa em Lima Duarte. E a pé! Daqui até Lima Duarte.

Ai quando instalou a luz elétrica aqui, a Tia Alzira foi logo falando “vamos comprar um rádio, vamos comprar um rádio”. E lá vai eu em Lima Duarte comprar o rádio. Eu saí lá de Lima Duarte às duas horas da tarde e voltei a pé. Aí oito e meia tava chegando aqui. Instalei e aí foi uma beleza, né?

O certo é que melhorou bem a base em termos de ensino também. Era uma casa só, não tinha luz elétrica, não tinha sanitário, não tinha nada. Era um grupo e uma casa velha. A prefeitura veio e comprou a casa, desmanchou e construiu uma melhorzinha, né? As professoras eram todos daqui e não sabiam nem o “a” direito, mas eram professoras”.

Todo lugar desenvolve. Todo lugar é assim mesmo. No meu modo de pensar, para mim falta estrada, falta água, falta luz. No período aí de carnaval, semana santa, o que tem de falta de água... Melhorou a vida aqui, mas ainda precisa de muita melhora no meu ver. Precisa de uma estrada extremamente melhorada, não digo asfaltada, mas melhorada. Cada ponte que é uma dor de cotovelo. O certo é que a gente sente o melhoramento, mais conforto para todo mundo.

Aqui foi extremamente dependente de Lima Duarte, o leite, a tropa. Aqui não tinha nada. Lá tem alguma coisa. Satisfazia, né? O que acho que a prefeitura tá judiando muito de Ibitipoca é de construção. Tá dificultando muito, não tá exigindo melhora, tá dificultando. Não tem que embargar nada. Outro problema é patrimônio histórico. Não tem dinheiro. Tá em tempo da Igreja cair um dia já. Acho que tá bem sem assistência.